

FÁTIMA MOURA

Mariana (espírito)

The background of the cover is a painting of a woman with long dark hair, seen from the back, looking out of a large window. The scene is set during sunset or sunrise, with a warm orange and yellow glow. Several birds are flying in the sky. The title is written in a large, white, cursive font with a slight shadow effect.

Alguém
me viu aqui



Letra Espírita

Copyright © 2020 – Fátima Moura

1ª edição eletrônica: julho de 2020

Capa: Bruno Tonel

Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br

Revisão: Eduardo Tognon

ISBN 978-65-991364-4-3

Alguém me viu aqui | Fátima Moura, pelo espírito Mariana

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização do Letra Espírita.

Contato e pedidos:

vendas@letraespirita.com.br


(22) 2738-0184



Clube do Livro
Letra Espírita
LEVANDO ATÉ VOCÊ LIVROS QUE ILUMINAM

FÁTIMA MOURA
Mariana (espírito)

Alguém
me viu aqui

 Letra Espírita

Apresentação

Grande tem sido o envolvimento e a preocupação do mundo espiritual em trabalhar questões pertinentes ao mundo dos jovens. Quando na Terra, nessa faixa da vida, somos convocados a fazer intensas reflexões sobre as verdadeiras razões de estarmos aqui e, com muita frequência, sucumbimos às imposições que nos são colocadas moralmente e socialmente, por ainda não nos sentirmos aptos a lidar com elas, passando, às vezes, por difíceis processos de adaptação e de transição enquanto espíritos encarnados.

Aqui, nesse plano, depois de deixar o corpo físico, continuamos a estudar e a aprender sempre que assim desejarmos, e grande é a nossa alegria quando somos chamados a contribuir de alguma forma com essas questões, que precisam ser trabalhadas no mundo físico, em nosso caso, através da Literatura, com palavras que ficarão gravadas em muitas consciências, levando não só aos jovens, mas a todas as pessoas que irão ler esse texto, esclarecimentos oportunos sobre os porquês de nossa vida na matéria e sobre as sábias intervenções do mundo espiritual.

O jovem é um universo de possibilidades, e esses questionamentos que tanto lhe encantam a alma podem muito bem ser respondidos através dos fundamentos imutáveis da vida eterna. A vida é incessante, contagia, encanta! Não existe morte, não existe finitude, a vida será sempre além, e é um intenso aprendizado de muitas possibilidades, sendo essas possibilidades o que nos moverá rumo ao infinito, sempre!

É a grandiosidade desse fato que me leva a trazer à tona essa história, para falar de pessoas reais, de aprendizado, de cura, de autoconhecimento. É meu desejo que o amor único e infinito de Deus nos acalente a todos, em nossas novas e possíveis descobertas!

Com amor, a todos os leitores, deixo aqui a minha singela contribuição.

Mariana G.
Dezembro de 2017

Capítulo 1

Pouco a pouco, como se fosse um manto iluminado e belo, pedaços de um intenso céu azul invadiram os espaços que restavam daquela casa antiga e já em avançado estado de decomposição. O espaço azul que cobria a velha arquitetura do lindo casarão que ali estivera erguido um dia deixava entrever também uma magnífica lua cheia que se insinuava majestosa naquela noite quente de verão.

Maria Eduarda caminhou desolada por entre os escombros da casa abandonada e a sensação de estar ali sozinha fez com que desejasse com todas as forças de seu coração estar novamente em sua casa, na segurança de seu quarto, decorado com todo esmero para uma menina de quinze anos de idade.

Depois de caminhar por algum tempo, ação que lhe parecia interminável, sentou-se em um pequeno sofá desgastado, cheirando a mofo. Deixando que a emoção falasse mais alto, chorou como nunca havia feito antes. Com vagar, tentou parar de chorar, fechar os olhos, sentir-se melhor, mas não conseguiu

relaxar. Sentia-se prisioneira de seus próprios sonhos, de seus pensamentos. Em breve, ou melhor, assim que amanhecesse, o grupo de jovens voltaria e ela continuaria com aquela horrível sensação de que nada poderia ser feito, de que ninguém poderia ajudá-la.

Olhou através da porta de vidro, uma das poucas peças daquela construção antiga que ainda se encontrava totalmente de pé, e se sentiu sozinha como nunca houvera se sentido antes. Um silêncio profundo a envolveu, visto que a rua já estava deserta àquela hora. Agora era ela – que sempre tivera medo de casas mal-assombradas – a prisioneira daquele espaço que sempre lhe causara medo e arrepios quando, ao sair da escola, vinha até ali com Mariana e Antônio, seus melhores amigos nos tempos de escola.

A sensação de pavor só aumentava; era como se ela quisesse respirar e lhe faltasse o ar. Sua cabeça doía. Os pensamentos fervilhavam em sua mente. Queria entender pelo menos alguma coisa do que havia acontecido com ela. Há quanto tempo estaria ali, afastada de sua família, de seus pais, de seus avós, que tanto amava? E Tobias, seu lindo cachorrinho que sempre lhe fazia festas e lambia seu rosto para lhe demonstrar afeto e carinho, onde estaria? Onde estariam todos aqueles que lhe eram caros e a quem ela tanto amava?

Ouvira dizer que estava morta, mas como seria possível, se nunca se sentira tão viva como naquele momento? Como poderia ser verdade? Não se lembrava de praticamente nada, só do choque, do medo, da escuridão...

Naquele momento, o que conseguia lembrar era o horror com que Joana, a filha de Rosa, a empregada, havia gritado e se desesperado ao avistar sua presença, quando, em uma noite anterior àquela (pelo menos era isso que achava, já que não tinha sequer noção de tempo), tentou voltar para casa.

– Socorro! – gritou a menininha de apenas cinco anos de idade, que teve o poder de ver seu rosto quando ela tentou lhe falar.

A mãe, acorrendo ao chamado, tomou a menina em seus braços, consolando-a.

– Eu vi a Maria Eduarda, ela estava aqui, agora! – soluçou ainda a criança, tomada por extremo pavor.

– Sossegue, filhinha, sossegue. Volte a dormir, mamãe está aqui! – E, com lágrimas nos olhos, acrescentou: – A Duda não está mais aqui, a Duda foi morar no céu!

Logo depois, quando a menina adormeceu, Rosa, extremamente nervosa, havia comentado o ocorrido com as outras pessoas da casa.

– Como pode a Joanelha ter visto a Duda, se a Duda está morta? – questionou, desabando num choro convulsivo.

Ao lembrar desse fato, uma imensa tristeza invadiu seu coração. Morta? Como assim estava morta? O que havia acontecido? Ela tinha tantos planos! Viajar para a Disney, fazer um intercâmbio em alguma cidade da Itália, casar-se com Jairo e ter filhos lindos!

De repente, sem que ela assim o quisesse, um pequeno *flash* se insinuou em sua mente e ela pôde se observar linda, num vestido de baile azul-turquesa, valsando alegremente com seu pai, que, elegantemente vestido, a conduzia por um salão enfeitado de balões rosa e azuis.

Lembrou-se também do olhar apaixonado de Jairo, que estava lindo vestindo um terno cinza com gravata vermelha, e de como ele, baixando os olhos quando ela o fitou, ficou ruborizado. Quanta alegria e emoção havia sentido naquela hora, apesar de ainda não conseguir entender se tudo aquilo havia sido um sonho magnífico ou fragmentos de uma dura realidade...

Tentou rezar as preces que sua mãe havia lhe ensinado quando era apenas uma criança e se aconchegava em seus braços na escuridão da noite, mas o medo que sentia naquele momento se agigantava, era maior do que tudo, e ela só conseguia balbuciar palavras sem nexo. Onde estaria sua família agora? Por que não conseguia estar com eles, estar perto deles?

Resolveu caminhar mais um pouco, até que, de repente, sua atenção foi despertada por um objeto ovalado e brilhante que estava semienterrado no chão de terra batida. Observando melhor, Duda encontrou um bonito medalhão que brilhava no escuro. A joia trazia um rosto em perfil, esculpido em relevo, e a letra M gravada em dourado. Estava presa a um cordão também dourado e parecia ser uma joia cara, tal o brilho que emanava. A

jovem ficou intrigada com o achado. O que será que aquele objeto estava fazendo ali? Curiosa, abaixou-se e tentou pegá-lo, mas, por incrível que pareça, não conseguiu. Lembrou-se do filme *Ghost*, que havia assistido quando criança, onde o protagonista precisava aprender a movimentar alguns objetos e teve que pedir ajuda a outro espírito. A resposta que obteve era de que precisava ter foco. Continuou tentando sem sucesso e, aos poucos, esgotada e confusa, deixou o objeto onde estava e voltou a sentar-se no sofá, onde em seguida adormeceu.

Despertou com a algazarra das crianças que chegavam. Era sempre assim. Desde que havia se reconhecido naquele local, a única coisa que a consolava era a companhia daquelas crianças e jovens da escola que, com certeza, ficava ali perto, e que, depois das aulas, vinham explorar aquela casa abandonada.

Observou com interesse algumas crianças que corriam por entre as vielas da casa velha, brincando de esconde-esconde e gritando umas com as outras. Uma tábua que caiu e rangeu inadvertidamente fez com que se assustassem e saíssem correndo do local. Logo em seguida, depois que as crianças saíram, um grupo de jovens curiosos, que não se sentia tão à vontade quanto o grupo mais jovem, entrou no ambiente.

Não era a primeira vez que Duda os via desde que se reconheceria naquele local. Ela até gostava quando chegavam, porque assim tinha companhia. O grupo era composto por Alfredo, João Marcos, Alice e Brenda, nomes que ela havia ouvido enquanto conversavam, mas era Brenda quem mais lhe chamava atenção. A menina lhe parecia tão familiar. Achou que já havia visto aquele rosto antes, em algum lugar, mas onde?

A jovem Brenda, menina ruiva, tímida e de grandes olhos azuis, que se escondiam atrás de óculos de fundo grosso, não conseguia disfarçar o medo intenso de estar ali naquele lugar, mas ela sabia que, se não viesse, sofreria bullying dos outros jovens e perderia a oportunidade de estar um pouco mais próxima de João Marcos, o grande amor de sua vida, se é que alguém aos dezesseis anos de idade sabe o que é amar com tanta intensidade.

O grupo de jovens adentrou o local como sempre fazia. Os rapazes ficaram entretidos com alguns achados antigos num monte de velharias que, apesar de parecerem gastas, se mostravam interessantes, mas as meninas, de olhos arregalados, percorriam a casa buscando encontrar alguma outra novidade. As jovens se entreolharam. Brenda estava pálida e desconfortável. Foi Alice quem perguntou a ela:

– O que houve, Brenda? Você está pálida. Está sentindo alguma coisa?

Nesse momento, Alfredo e João Marcos se aproximaram e se juntaram a elas.

– Eu tenho muito medo de vir aqui – disse, criando coragem de se expor aos amigos.

– Medo do quê? – perguntou o grupo em uníssono.

– Medo de fantasmas! Esse lugar é muito estranho! – gritou a jovem, sempre em alerta, preparando-se para sair correndo dali caso algo diferente acontecesse.

Alice, que era uma jovem de pele negra, com olhos também negros, como duas jaboticabas maduras, movimentou os cabelos esvoaçantes e sedosos, num gesto muito peculiar, e segurou as mãos da amiga, fazendo com que se acalmasse.

– É mesmo muito sinistro! Eu também sinto arrepios, fico um pouco tonto – disse Alfredo, que foi interceptado por João Marcos, que gargalhava, se divertindo.

– Deixem de ser tolos! Fantasmas não existem! – ponderou o rapaz. E, chegando pertinho da jovem que tremia dos pés à cabeça, falou bem próximo ao rosto da menina, com voz rouca, como se quisesse provocá-la: – Não é, Brenda?

Brenda continuava extremamente assustada. Alice empurrou João Marcos com vagar, pedindo que a deixasse em paz.

– Você está pálida, nervosa – continuou Alice. – Tem certeza de que está se sentindo bem?

– É que eu tenho a sensação de estar sendo observada o tempo todo –

respondeu a menina, com voz trêmula.

– Como assim? – perguntou Alice, querendo entender melhor aquele assunto e puxando Brenda para que caminhassem um pouco mais, até o interior da casa.

– Você não sente medo de estar aqui, Alice? – perguntou Brenda à amiga, enquanto circulavam por um outro cômodo que parecia ter sido um quarto de casal. Um papel de parede em tom amarelado contrastava com o ambiente.

A menina gaguejou ao responder:

– Às vezes até tenho, mas sei que fantasmas não existem. Não acredito nessas bobagens. – E ainda brincou: – Bem, quero acreditar que não...

Brenda, ainda medrosa, sentou-se em um pedaço de muro já desgastado pelo tempo, enquanto Alice, atendendo a um chamado de Alfredo e João Marcos, para que visse alguns recortes de um jornal antigo que Alfredo havia recolhido entre os escombros, retornou ao local onde estavam os rapazes.

Brenda deixou que seu pensamento viajasse, envolvida pelas vibrações daquele lugar, enquanto Maria Eduarda a observava intrigada e ansiosa. Depois de algum tempo, tomando coragem para se aproximar, chegou bem próxima da menina, quase fundindo-se a ela, em uma espécie de comunicação mental.

– Olá, meu nome é Duda – disse, comovida.

Brenda, tendo o poder de sentir sua presença, ficou arrepiada da cabeça aos pés. Seu coração parecia querer saltar pela boca. Tremendo e emocionada, pôde sentir a emoção de Maria Eduarda quando esta lhe falou.

A menina insistiu, tentando fazer contato:

– Por que você não me responde? Eu sou a Duda, a Maria Eduarda, e estou perdida aqui, não sei por que nem por quanto tempo. Não sei de onde vim, nem o que aconteceu comigo. Por favor, responda, você pode me ajudar?

Dizendo isso, e se aproximando um pouco mais da jovem, uniu seu rosto ao dela, na esperança de que ela pudesse vê-la, senti-la, ou até, quem sabe, lhe detectar a presença, mas a reação que causou com aquele gesto foi

simplesmente desastrosa.

Brenda, ao sentir o toque energético da menina que a envolvia com sua energia sofrida e conturbada, começou a tremer e a chorar, num extremado ataque de pânico. Em seguida, correndo em desabalada carreira pelos corredores estreitos da casa em ruínas, deixou os amigos perplexos com sua atitude inusitada, sendo seguida pelo grupo até alcançar a rua.

Maria Eduarda, decepcionada com a falha da comunicação, mas ainda muito emocionada, acendeu um fio de esperança em seu coração. Por pouco, quase conseguira se comunicar com Brenda. Naquele momento, soube que a menina ruiva e de grandes olhos azuis podia senti-la, lhe detectar a presença, e isso era um grande sinal, a esperança de que alguma coisa em sua história poderia mudar.

Sentou-se novamente no sofá que lhe servia de descanso, mas agora com o coração arrebatado da alegria que ainda não havia sentido durante aquele tempo. Todavia, por ora, só lhe restava esperar... Possuía um sentimento de que aquela jovem poderia ajudá-la de alguma forma, encheu de esperança o seu pobre coração tão machucado e resolveu aguardar o momento apropriado a fim de fazer um novo contato. Pensando assim, novamente adormeceu.

Capítulo 2

Brenda correu a passos rápidos até sua casa, que se encontrava duas quadras distante do local onde estava a casa abandonada. Ainda estava muito assustada devido às fortes emoções que vivenciara naquela manhã. Tomando cuidado para que ninguém a visse, entrou sorrateiramente em seu quarto, jogando-se sobre a cama e cobrindo-se com um pesado cobertor. Seu coração batia acelerado, ao ritmo daquelas fortes sensações. Não era louca, como seus amigos lhe diziam quando contava a eles suas experiências com fatos ocorridos em um outro mundo. Ela pudera sentir tão próximo a si aquela presença. Ela sempre dizia aos amigos que não gostava de ir à casa velha. Naquele dia, que ela estivera tentando evitar por tanto tempo, vivenciou a experiência da qual sempre tivera medo. Alguém, que habitava aquele espaço, havia tentado falar com ela, se comunicar com ela. Ela pôde sentir esse alguém tentando fazer contato e isso a deixava simplesmente apavorada.

Depois de algum tempo cochilou, envolvida por todas aquelas fortes

lembranças. Acordou com o toque da mãe, que lhe descobriu o rosto, fitando-a com olhar enigmático.

– O que houve, filha? – perguntou sua mãe Mariana, realmente interessada.

– Não houve nada, mamãe – respondeu, sentando-se na cama e tentando parecer normal mediante os fatos ocorridos naquela manhã.

Sua mãe Mariana, que era ainda uma mulher jovem e que tinha os cabelos tão ruivos e os olhos tão azuis quanto os dela, não acreditou naquelas explicações.

– Nada mesmo? Você nunca faz isso, chega da escola e vem correndo para o seu quarto. Está se sentido mal? Está com cólicas?

Brenda tentou de todas as maneiras disfarçar sua emoção. Desejou se abrir com a mãe, mas sabia que aquele ainda não era o momento. Respondeu em tom ameno, tentando disfarçar suas emoções:

– Não fica preocupada, mãe. Eu não tenho nada, só estou cansada por causa das provas, é só isso.

Mariana continuava a fitar a filha com interesse. Brenda era sua única filha, a sua razão de viver, o maior de todos os seus amores. O seu único objetivo na vida era conseguir ser uma boa mãe para a jovem tão arredia e problemática, que trazia a sensibilidade tão apurada, apesar dela não saber quase nada sobre o assunto.

Suas palavras estavam repletas de carinho quando disse:

– Filha, você sabe que pode me contar tudo, não sabe?

Brenda respondeu quase sussurrando, sem conseguir encarar os olhos da mãe:

– Sim, eu sei! Eu estou bem! Não se preocupe!

Mariana sorriu um sorriso triste, acariciando o rosto da filha, que, alegando estar cansada, continuou deitada, virando-se na cama e voltando a cobrir-se.

Mariana saiu do quarto em busca de seus afazeres. A jovem mãe estava de fato preocupada. Brenda, que contava agora dezesseis anos de idade, estava cada dia mais esquisita. Desde pequena, a menina via espíritos, e isso havia

causado um grande transtorno em sua vida, por não saber lidar com aquele assunto de maneira adequada. Ela e o marido não eram religiosos, mas sua mãe, Dona Hermínia, avó de Brenda, era adepta do espiritismo e, quando a menina, poucos anos antes, começou a apresentar inúmeras alterações de cunho espiritual, a levou até uma Casa Espírita que frequentava. Na época, a menina foi atendida. Tomou passes, fez um tratamento de algumas semanas e foi dito a ela que precisava cuidar daquela mediunidade, com a frequência regular das reuniões. Com a permissão dos pais de Brenda, Dona Hermínia levou a neta religiosamente à Casa Espírita e as visões pareciam ter cessado um pouco, mas, com o passar do tempo, a jovem, alegando estar muito ocupada com os compromissos da escola, não pôde e nem quis continuar o tratamento, o que fez com que as visões retornassem com mais intensidade.

O que mais preocupava Mariana naquele momento era que, por causa daquele fato, ela havia sido chamada na escola. Brenda ingenuamente havia comentado com alguns colegas que era capaz de ver e ouvir espíritos e, como essas informações vazaram rapidamente, a menina foi ridicularizada pela turma, sofreu bullying e era chamada de “a louca” por alguns jovens mais afoitos que insistiam em lhe atormentar a vida.

Agora, depois de alguns meses do incidente, Mariana soube que Brenda havia feito amizade com uma jovem chamada Alice, menina que também sofria um grande preconceito por ser negra e de origem muito humilde. Mariana acreditava, apoiada em seu instinto maternal, que, como as duas se identificaram em sua dor, com certeza poderiam ajudar-se mutuamente.

Ainda na cozinha, resolveu preparar um chá de camomila para ela e para a filha, esperando ansiosamente que seu marido Antônio chegasse do trabalho, a fim de que pudessem conversar melhor sobre o assunto. Ela já havia proibido a filha de ir ao casarão que diziam ser assombrado e que ficava próximo à casa delas, no final do quarteirão, mas sabia como eram os jovens, quase nunca obedeciam. Será que o que Brenda vinha sentindo estaria ligado a isso? Como saber, se Brenda, assim como outros jovens, quase não falava, não se abria? Quem sabe o pai conseguiria retirar dela alguma coisa...

Ao mesmo tempo, Brenda, em seu quarto, não conseguia adormecer. Um arrepio, a sensação de que alguém estivera tão perto dela, lhe tocara o rosto, a deixava petrificada de medo. Estaria mesmo ficando louca? Uma sintonia, uma troca de energias, era o que ela diria se fosse chamada a falar sobre o incidente ocorrido na casa abandonada.

Algum tempo antes, por volta de seus onze ou doze anos de idade, quando estivera naquele tratamento em uma Casa Espírita levada por sua avó Hermínia, ouvira dizer que as pessoas que eram médiuns tinham o poder de se comunicar com os espíritos e isso a havia deixado com muito medo, porque ela também tinha visões e sonhos muito esquisitos com pessoas que haviam morrido.

Às vezes, depois de ouvir aquelas palestras, voltava para casa muito assustada, com medo de dormir à noite e de ficar sozinha, comportamento que só foi melhorando ao longo do tempo, com a frequência e continuidade das palestras e dos passes de cura que recebia para minorar aqueles sintomas.

Brenda ainda podia se lembrar do dia em que, conduzida por sua avó, adentrara aquela Casa Espírita, bem como das sensações que sentira ao receber o passe e os remédios homeopáticos que lhe eram ministrados.

Seu espírito ainda jovem queria muito conhecer um pouco mais de tudo aquilo que lhe era apresentado ali naquela Casa, por aquelas pessoas, mas as reações que tudo aquilo lhe causava começaram a surtir um efeito contrário no interior da jovencinha tímida e assustada que, na primeira oportunidade, pediu à avó para que não a levasse mais às reuniões, alegando estar ficando atrasada na escola. Dona Hermínia, com medo de realmente prejudicar a neta, escasseou as idas da menina às reuniões, entregando o caso a Deus e aos mentores em quem tanto confiava. O fato é que as visões paralisaram por um certo tempo, até voltarem com toda intensidade, levando a avó de Brenda a buscar um novo jeito de ajudá-la.

Enquanto isso, no casarão abandonado, Maria Eduarda, bastante animada, pensava em um jeito mais adequado de poder se comunicar com a jovem tímida de olhos azuis e cabelos ruivos, que usava grandes óculos fundo de

garrafa e que tinha um rosto muito familiar.

Capítulo 3

– Vamos logo, Brenda. Estamos atrasadas. A prova começa em cinco minutos – disse Alice, retardando os passos para esperar a amiga que adentrava a porta da escola. – Eu não estudei quase nada, e você?

– Eu também estudei muito pouco – respondeu Brenda, demonstrando nervosismo.

– Se eu ficar em recuperação, minha mãe vai me matar – brincou Alice, ofertando à amiga um maravilhoso sorriso de dentes muito brancos. E, como a amiga ainda a ouvisse, complementou: – Terei que ouvir um enorme discurso do quanto fazem por mim, que eu deveria agradecer a todo momento por tudo o que eles me oferecem desde que vim morar com eles, e tantas outras coisas que eu já sei de cor.

Ao entrar na sala de aula, as meninas se acomodaram em seus lugares, que ficavam lado a lado. Alice, extremamente nervosa, sentiu-se enjoada ao olhar para a prova distribuída pela professora de física, que continuava a ordenar os alunos em fileiras.

Brenda também olhava a prova e não conseguia relaxar. Todas aquelas contas e cálculos mexiam demais com a sua cabeça. Olhou para Alice na fileira subsequente e também sentiu no olhar desesperado da amiga que os resultados para ambas naquele dia não seriam bons.

Brenda ainda estava sob a forte impressão do dia anterior. A sensação de que alguém, um ser etéreo, quisera lhe falar e estivera tão próximo a ela lhe causava intensos calafrios que a deixavam arrepiada da cabeça aos pés. Por causa disso, já havia decidido, aprenderia a lição. Nunca mais iria até a casa abandonada depois que saísse das aulas. No tempo em que estava frequentando o Centro Espírita com sua avó, as pessoas lhe disseram que o mundo espiritual era algo muito sério e que merecia bastante respeito. Naquele tempo – e ela era um pouco menor do que era agora – aprendeu alguma coisa sobre os espíritos que vagavam na erraticidade, seres que ainda não haviam descoberto o seu caminho e não sabiam como se direcionar para a luz. Ela teve muito medo de tudo isso. Por questões pessoais, não pôde continuar seus estudos e aprender um pouco mais sobre o mundo espiritual, mas ela já sabia que ele existia e era muito mais real do que muitas pessoas imaginavam.

As meninas se entreolharam nervosas. Não haviam tido tempo de estudar o suficiente para aquela prova que julgavam difícil e trabalhosa. Além do mais, Brenda sabia que Alice, apesar de dizer que não acreditava em nada daquilo, também se sentia bastante impressionada com as visitas que faziam ao casarão abandonado.

A verdade é que elas sabiam que estavam fazendo algo proibido e que, se seus pais soubessem que, ao sair da escola, se reuniam na casa abandonada e que tinha fama de mal-assombrada, levariam uma tremenda bronca.

Os meninos, seus amigos de turma, é que não se cansavam de querer explorar o lugar. João Marcos, o mais afoito do grupo, dizia querer encontrar um fantasma de verdade, para travar com ele uma grande luta (segundo ele, a vitória do bem contra o mal, tal como nos filmes de terror aos quais assistia).

Brenda amava João Marcos, e era um amor tão intenso, tão avassalador, que às vezes a menina se pegava a imaginar como poderia ficar longe do seu jeito, do seu cheiro, se eles realmente fossem namorados. Entretanto, segundo ela, o rapaz fingia não entender seus verdadeiros sentimentos por ele, apesar de tratá-la com interesse e amizade.

Era por ele que ela fingia ser a menina mais corajosa do mundo, era para merecer o amor daquele jovem moreno de olhos azuis, que tinha cabelos compridos até os ombros, que Brenda concordava em ir até a casa mal-assombrada sempre que saíam da escola e estavam em busca de novas aventuras, mesmo que seu coração acelerasse desordenadamente e um medo intenso do desconhecido tomasse conta de todo o seu ser.

Um dia, inadvertidamente, enquanto conversavam no intervalo das aulas sobre as séries de terror que assistiam em canais privados de televisão e na internet, Brenda dissera aos amigos da turma que via espíritos desde pequena. Alguns meninos, zombando dela, a apelidaram de “a louca”. Brenda ficou desesperada, pensou até em morrer de tanta vergonha e medo. Havia, no entanto, ficado imensamente grata a João Marcos no momento em que, sendo ridicularizada por eles, o jovem saiu em sua defesa, exigindo que a turma a deixasse em paz. A partir desse dia, João Marcos tornou-se o seu herói, o grande amor de sua vida, apesar dela saber que, para ele, ela era apenas uma amiga. Pouco depois viera Alice, que se aproximou tentando conhecê-la melhor. A menina também sofria muito por ser de origem muito humilde. Era criada por pais adotivos que a retiraram de um abrigo, em situação de risco. Alice era uma menina de pele negra e, apesar de muitas pessoas dizerem que não, ainda existia um racismo embutido, uma exclusão muito grande entre a sociedade e sobre aqueles jovens, que excluía a menina sempre que possível de toda e qualquer atividade, querendo mostrar-lhe ou lhe impor diferenças.

Brenda gostava de Alice. Alice era linda. Com uma pele cor de jambo e cabelos esvoaçantes e lisos, era uma autêntica representante da raça negra. Alice sofria com o descaso do grupo, dos vizinhos, de toda a escola, por isso

se apegou àquela amizade, porque havia se identificado com a menina ruiva e inteligente que também sabia ser rejeitada pela maioria da turma.

Para completar o grupo, chegou Alfredo, alto, atlético, praticante de lutas marciais, expert em informática. Era amigo de João Marcos e, como tinha interesse em se aproximar de Alice, a quem lançava olhares furtivos desde o início do ano, uniu-se a eles com suas ideias futuristas.

Eram os quatro que, quase todos os dias depois da aula, saíam correndo até a casa abandonada que ficava no final da rua da escola, e que traziam muitas histórias para o resto da turma, segundo eles, os fracos, os covardes, os que não tinham coragem de explorar aquele ambiente tão assustador e ao mesmo tempo tão interessante.

A casa mal-assombrada, que agora estava em ruínas, tinha uma história arrepiante. Pertencia a um excêntrico homem, um artista plástico, que sempre era visto caminhando bêbado pelas ruas da cidade. Diziam que havia sido casado e fora muito feliz, mas, depois de alguns anos de casamento, sua esposa o traía, fugindo com outro homem e deixando-o completamente desamparado em sua dor. Um dia, totalmente alcoolizado – como passou a viver depois que tudo aconteceu –, deitou-se com um cigarro aceso nas mãos e inadvertidamente colocou fogo na casa, que ficou bastante destruída, tendo ele também perecido no incêndio.

Não era só isso. A casa também guardava em seus escombros restos de uma intrigante história de terror e de mistério. Segundo se comentava entre os moradores locais, uma menina fora morta ali há alguns anos, em um crime considerado hediondo pelos moradores daquela pequena e pacata cidade do interior. A jovem, de nome Maria Eduarda, que pertencia à uma família importante daquela região, era filha de um grande empresário do ramo têxtil. Um dia, ao sair da escola, fora raptada e morta na casa abandonada, num crime que chocou toda a população. O mais intrigante desse caso é que, apesar de tudo isso ter acontecido em uma cidade de pouco mais de vinte mil habitantes, o assassino jamais foi encontrado. Depois de algum tempo de investigações, a polícia decidiu arquivar o caso, por não ter recolhido

nenhuma pista possível para encontrar o culpado. O povo do local acreditava que o assassino da jovem era alguém conhecido, pois a única testemunha da época, uma senhora de quase oitenta anos, já falecida, viu quando a jovem entrou em um carro preto, com vidros também escuros, depois de acenar para o motorista, chegando-se à conclusão de que Maria Eduarda conhecia seu agressor.

Durante muito tempo a cidade ficou em polvorosa. As mães não deixavam seus filhos circularem sozinhos, indo buscá-los na escola, nas festas, nas reuniões de amigos. Só depois de alguns anos é que a rotina foi voltando ao normal, o medo foi dando lugar ao esquecimento e as famílias foram se adaptando à nova realidade.

Após o trágico incidente, os pais de Maria Eduarda tiveram uma queda financeira. Seu pai se entregou à bebida, sua mãe a crises de depressão. Abandonando a mansão em que moravam, mudaram-se para uma casa menor, a fim de tentar continuar a vida, mas, depois de dois anos do acontecido, deixaram a cidade e nunca mais foram vistos, nem se ouviu falar deles na região.

Algum tempo depois, a casa onde a menina fora achada morta foi reconstruída, tornou-se um ponto turístico, mas acabou por ser demolida novamente alguns anos mais tarde, pela prefeitura local, a fim de conter o número intenso de novos visitantes que vinham até aquela pequena localidade, engrossando o número de desocupados, que vinham visitar a casa assombrada e nela se refugiar, muitas vezes usando e traficando drogas no local.

O que se tinha agora, naquela pacata cidade do interior, eram as ruínas do cenário de um crime, acontecido há vinte anos.

Capítulo 4

– Oi, Alice! – disse Brenda, juntando-se à amiga no intervalo das aulas.

– Essa é a Laura – disse Alice, apresentando a amiga, uma jovem franzina e de cabelos negros e curtos.

– Tudo bem, Laura? – disse Brenda, estendendo as mãos à menina.

– Tudo – respondeu a jovem simpática e de sorriso cordial. – Obrigada por me aceitarem no grupo.

– Ninguém vai me apresentar a essa princesa? – disse Alfredo, unindo-se a eles e sentando-se também no banco de pedra, que ficava ao lado da cantina.

– Eu sou Laura, e pedi à Alice para fazer parte do grupo. Aliás, sempre quis muito estar com vocês em suas aventuras e ouvir suas histórias interessantes.

E, como os jovens a ouvissem com interesse, continuou:

– Sobre o que vocês conversam? O que fazem além de explorar a casa abandonada?

João Marcos não perdeu a oportunidade de se mostrar à nova integrante da turma e disse, aproximando-se da jovem, que olhava tudo com olhos

espantados e curiosos:

– Bem, a gente caça fantasmas, não é, Brenda?

A jovem tímida tentou disfarçar, fingindo não estar entendendo a provocação do rapaz, que não tirava os olhos da nova integrante do grupo.

– Deixa-me explicar melhor – disse Alfredo, assumindo a conversa. – Nós pesquisamos fenômenos paranormais e, desde que soubemos de tudo o que aconteceu naquela casa abandonada, julgamos que teríamos ali um vasto material para as nossas experiências.

– Falou bonito, garoto! – exclamou João Marcos, dando-lhe um peteleco e despertando o sorriso de todo o grupo. – Então é isso, somos cientistas – acrescentou, ainda brincando.

– Gente, eu queria muito ir com vocês na próxima vez em que forem lá! – pediu Laura, empolgada.

– Por que o interesse? – perguntou Alice, um pouco desconfiada das intenções da menina.

E a jovem explicou em baixo tom:

– Nessa casa, além do incêndio que quase a destruiu completamente no passado, aconteceu um assassinato. Eu queria muito poder conhecer um pouco mais sobre toda essa história.

– Nós sabemos, e é isso que torna aquele lugar muito mais interessante – acrescentou Alfredo. – Já tenho um grande acervo de fotos e, quem sabe, não seremos nós que iremos desvendar esse mistério?

– Tudo isso foi há muito tempo. Nós nem éramos nascidos! – contestou Brenda, com voz alterada.

– E daí? Tenho certeza de que a gente desse lugar ia adorar saber o que aconteceu de verdade naquela casa – continuou João Marcos.

– Em uma cidadezinha pacata como essa, onde não acontece nada de interessante, seríamos destaque na mídia, manchetes de jornais, na televisão – cogitou Alfredo, quase gritando.

– E ainda poderíamos ver o assassino na cadeia – insistiu Alice.

– E aqueles espíritos seriam ajudados – disse Laura, com olhos brilhantes.

– Espera aí, Laura, o que você sabe sobre isso? – perguntou Alfredo, bastante interessado.

A menina explicou com voz baixa e pausada, tomando cuidado para não ser ouvida pelos outros alunos que circulavam ao redor do grupo:

– É que eu sou espírita e, na Casa Espírita que frequento, um espírito amigo se comunicou, pedindo ajuda para essa moça.

– Que moça? – perguntou Brenda, com olhar brilhante.

– A moça que foi morta naquela casa! – enfatizou Laura.

– Meu Deus! Quer dizer que o espírito dela ainda está vagando naquele lugar depois de tanto tempo? – questionou Alice, nervosa.

– Sim, é possível – respondeu Laura. – E ela pode estar precisando de ajuda.

Brenda, ao ouvir o comentário, começou a se sentir mal. Uma leve tontura lhe escureceu a visão e ela desmaiou por alguns instantes, sendo amparada por Alice, que lhe sustentou o corpo recostado na parede fria da quadra de esportes.

– Brenda, acorda! Daqui a pouco Dona Norma, a inspetora, vai perceber que você não está bem e virá em nossa direção.

– Brenda, abre os olhos – pediu Alice, já ficando nervosa, até que a menina, aos poucos, se recuperou do breve mal-estar.

– Brenda, o que foi? O que aconteceu? – perguntou João Marcos, claramente preocupado.

– Eu quero ir para casa! – disse a jovem, ainda pálida e sentindo todo o seu corpo tremendo.

– Brenda, estamos na hora do recreio. O que você vai dizer para a inspetora de plantão? – questionou Laura.

– Que não estou me sentindo bem e que preciso ir embora para descansar – continuou a jovem.

– Eu acho que você está nos escondendo alguma coisa – observou Alfredo, fitando a menina com real interesse. – Se você sabe de alguma coisa, precisa falar, não pode comprometer as nossas investigações.

– É isso mesmo, Brenda. O que você sabe que não quer nos contar? – perguntou João Marcos, segurando-lhe o braço com discrição.

Brenda ainda estava assustada, mas, como era um pedido de João Marcos, resolveu ficar e confidenciar aos amigos:

– Da última vez que estivemos na casa abandonada, um espírito, sei lá, alguém tentou se comunicar comigo.

– Que máximo! Por que você não contou isso para a gente? – questionou Alfredo, em êxtase.

– Eu não sei, eu tive medo! – gritou a menina.

– Ai, meu Deus! Então é verdade, nessa casa existe um fantasma – falou Alice, com olhos arregalados.

– Ou vários! – gritaram todos em uníssono.

– Deus nos proteja! – completou ainda Laura.

– Vão ficar com medo agora, seus frouxos? – falou João Marcos, assumindo o controle da situação.

– Não, eu não vou, e eu tenho uma ideia – respondeu Alfredo, quase atropelando as palavras. – Já que a Brenda é sensitiva e consegue se comunicar com os espíritos, pode nos ajudar a fazer contato com o espírito da menina assassinada.

– Ou com o espírito do assassino, se ele tiver morrido e também estiver por lá – continuou Alice.

Brenda quase gritou quando falou:

– Não, eu não vou fazer isso, podem esquecer.

– Por que, Brenda? Você é a única que pode nos ajudar a resolver esse mistério – insistiu João Marcos, fitando-a fixamente nos olhos.

– Bem, gente, não seria aconselhável que nós fizéssemos essa evocação. O ideal seria se o espírito quisesse se comunicar de livre e espontânea vontade – disse Laura. E, ante o espanto de todos, retirou da pasta escolar um pequeno livro de bolso, continuando a explicar ao grupo: – Esse livro que eu tenho aqui comigo é um exemplar de *O Livro dos Médiuns*, e posso ler para vocês o que os espíritos nos dizem a respeito desse assunto. Está aqui na segunda

parte: Das manifestações espíritas, Capítulo XXV – Das evocações –
Considerações gerais:

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Algumas pessoas pensam que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito, e que é preferível esperar aquele que queira se comunicar. Fundam-se em que, chamando um determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. O chamado direto de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um chamado direto, frequentemente um Espírito nenhum motivo teria para vir a nós, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Essas duas maneiras de operar têm, cada uma suas vantagens, e inconveniente não haveria senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não se deixar dominar pelos maus. Então, é quase sempre bom aguardar a boa-vontade dos que desejam manifestar-se, porque seu pensamento não sofre nenhum constrangimento, e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode suceder que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso que temos aconselhado, é, aliás, uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, naquelas, sobretudo, em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos habituais que a elas comparecem, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em virtude mesmo da regularidade das sessões. Frequentemente então tomam espontaneamente a palavra, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer, caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares.

– Vamos ver se eu entendi o que está escrito aí nesse livro... – refletiu João Marcos.

– Essa é uma das obras da codificação espírita, e essas são respostas que os espíritos deram a Allan Kardec – disse Laura.

– Allan Kardec, quem é esse cara? – indagou João Marcos.

E Laura continuou com suas explicações:

– Allan Kardec foi um importante divulgador da doutrina espírita. Foi professor e escritor. Seu nome verdadeiro era Hippolyte Léon Denizard Rivail. Ele nasceu em Lyon, na França, no dia 03 de outubro de 1804. Allan Kardec era um pseudônimo que usava lembrando o nome que ele tinha quando foi um druida e viveu nas Gálias.

– O que é um druida? – inquiriu Alice.

– Você não se lembra das aulas de história? – disse Laura, com ares de sabichona. – Druidas eram pessoas encarregadas de aconselhar e ensinar, de passar orientações jurídicas e filosóficas a todos que faziam parte da sociedade celta. Eles adoravam a natureza e estavam sempre em busca do equilíbrio com ela e com os outros seres.

– Agora quem *boiou* fui eu. E os celtas, quem são? – perguntou Alfredo.

– Os celtas integram uma das mais ricas civilizações do mundo antigo. Foram conquistados pelo Império Romano e uma boa parte da população da Europa ocidental pertencia às etnias celtas. Os celtas se subdividiram em diferentes povos, entre os quais podemos destacar os belgas, gauleses, bretões, e tantos outros. Organizavam-se em tribos, que ocupavam o território. O país onde mais se encontram vários vestígios da cultura céltica atualmente é a Irlanda, que ainda guarda coisas muito interessantes dessa época.

– E o que eles têm a ver com tudo isso que estamos descobrindo? – indagou Alfredo.

E Laura continuou a explicar, sob os olhares interessados de todos:

– Foi Allan Kardec quem descobriu que podíamos falar com os espíritos. Na verdade, tudo começou um pouco antes, com as irmãs Fox, que moravam no povoado de Hydesville, no Estado de Nova York.

– Irmãs Fox! Que maneiro! – acrescentou João Marcos.

E Laura prosseguiu:

– As meninas se chamavam Katherine Fox, Leah Fox e Margaret ou “Maggie” Fox. Elas eram irmãs e conseguiram conversar com o espírito

Charles Rosma, um mascate que foi morto e enterrado na parede da adega da casa onde moravam. Foi só mais tarde, na Europa, que surgiram as mesas girantes, que despertaram a atenção do professor e pesquisador Allan Kardec.

– Como é isso? As mesas giravam e falavam? – perguntou Alfredo, um pouco incrédulo diante do que estava ouvindo.

– Sim. Respondiam perguntas através de pancadas – respondeu Laura. – Kardec era um homem muito inteligente, um homem da ciência, e logo percebeu que não era a mesa que falava, mas todo aquele movimento da mesa e dos objetos tinham uma causa até então desconhecida para todo mundo, que foi a maneira que os espíritos encontraram de chamar atenção, manipulando uma coisa chamada *fluidos*, que servia para provocar todo aquele barulho.

– Que máximo! – exclamou Alfredo. – Gostaria de ter conhecido Allan Kardec, pois também me considero um homem da ciência, adoro fazer experiências.

Foi João Marcos quem indagou a jovem, dando continuidade ao assunto:

– Laura, como você sabe de todas essas coisas?

E Laura contou, com brilho nos olhos:

– Eu frequento a evangelização da Mocidade na minha Casa Espírita, e lá nós estudamos a Doutrina Espírita. E quanto à parte histórica, história é a disciplina de que eu mais gosto.

– Nós já fizemos a brincadeira do copo – confessou João Marcos.

– E do compasso também – acrescentou Brenda, um pouco envergonhada pelo o que acabava de confessar.

Laura fitou-os com interesse e uma pontinha de reprovação.

– Lembram do texto que acabei de ler para vocês? Nós não devemos fazer esse tipo de coisa, essas brincadeiras são irresponsáveis e inconsequentes. Quando evocamos espíritos por simples curiosidade ou brincadeira, coisas muito graves podem acontecer.

– O que, por exemplo? – perguntou Alfredo, realmente curioso.

– Espíritos levianos e desocupados podem se aproveitar dessa energia e

trazer muitos males ao nosso psiquismo, ou seja, aos nossos pensamentos, à nossa conduta, nos causando até graves obsessões – respondeu Laura.

O grupo calou-se ante as novas colocações de Laura e resolveram repensar tudo o que havia acontecido até então, menos Alfredo, que tinha novas e interessantes ideias na cabeça.

Capítulo 5

A turma se entreolhou nervosa na aula de inglês. Era o último tempo de aula e eles não viam a hora da professora terminar os exercícios para poderem correr para a casa de Alfredo, a fim de testar uma nova experiência que ele dissera querer fazer com o grupo.

Ao chegarem na casa, encontraram a mãe do jovem, que se preparava para sair e fazer compras, fato que os deixou mais à vontade para se dirigirem até o segundo andar, onde ficava o quarto do rapaz, para vivenciar aquele momento.

Alfredo, criando um pouco de suspense, desembalhou o estranho objeto que estava sobre a cama.

- O que é isso? – perguntaram todos em uníssono.
- Isso é uma tábua *Ouija* – respondeu o rapaz com ares de Mestre.
- E para que ela serve? – perguntou Alice, realmente interessada.
- Para a nossa comunicação com espíritos, sua boba – respondeu o jovem, sentindo-se naquele momento o dono de toda a verdade que eles vinham

procurando há tanto tempo.

– Como assim? Eu não estou entendendo – disse Alice.

– Eu vou explicar melhor – enfatizou o rapaz. – Os participantes colocam os dedos sobre o indicador, que então se move pelo tabuleiro para responder perguntas e enviar mensagens dos supostos espíritos.

– E como isso vai acontecer? – perguntou Brenda, com voz trêmula.

– Nesse caso, como vocês podem ver, nós temos um ponteiro sobre o alfabeto e, quando fizermos perguntas, o ponteiro irá se mover sobre as letras, formando a resposta.

– Incrível! Muito legal! Como você conseguiu essa engenhoca? – perguntou João Marcos, divertido.

– É do meu tio. E ele vai ficar uma fera se descobrir que eu o peguei emprestado, portanto muito cuidado – advertiu Alfredo.

– Não, eu não quero participar disso, é muito perigoso – gritou Brenda, nervosa e preparando-se para ir embora.

– Mas nós já fizemos a brincadeira do copo, Brenda. Relaxa!

– E a do compasso também, e não aconteceu nada de mais – continuou João Marcos.

– A Laura falou que é muito perigoso. Vocês já esqueceram? – retrucou Brenda, com voz agitada.

– Bobagem! Ela disse isso só para nos amedrontar – falou João Marcos.

– Essa é a nossa oportunidade de perguntar aos espíritos tudo aquilo que queremos saber sobre a casa mal-assombrada – continuou Alice.

– Não, eu vou embora. Eu tenho muito medo de tudo isso – insistiu Brenda.

– Deixa de ser boba, Brenda. Relaxa, não vai acontecer nada de mais – disse Alice, segurando o braço da amiga e fazendo com que se sentasse novamente na cama.

– E se acontecer alguma coisa? Se essa experiência der errado? – questionou Brenda.

– Meninas, não vai acontecer nada. Por favor! – falou Alfredo, um tanto

irritado.

– A Laura nos explicou tantas coisas, e principalmente por que não é certo fazer isso – continuou Brenda. – Disse do perigo de essas brincadeiras atraírem espíritos que ela chamou de errantes. A Laura deveria estar aqui para repetir tudo isso para vocês.

– Por isso não a convidamos para participar, para que ela não interferisse e atrapalhasse as nossas descobertas – disse João Marcos.

– Silêncio, pessoal. Vamos começar? – atalhou Alfredo, ansioso por tudo que ainda iriam descobrir.

O grupo se reuniu em volta da cama, enquanto Alfredo preparava a tábua e retirava um papel de um envelope plástico.

– Eu achei aqui algumas regras, que vamos ler antes de começar.

– Que regras são essas? – perguntou João Marcos, manipulando a tábua com total interesse.

– Aqui diz que não se deve permitir que os espíritos levem o ponteiro para as extremidades do tabuleiro de forma que possam sair dele. Segundo o que está escrito aqui, pode ocorrer uma possessão.

– Uau! O que é uma possessão? – indagou Alice, sentindo-se também um pouquinho nervosa.

– Não sei, mas podemos perguntar à Laura – sugeriu Brenda.

– Gente, atenção, vamos continuar – insistiu Alfredo. – Aqui diz ainda: Não faça do uso do tabuleiro de *Ouija* uma rotina. Os espíritos às vezes cativam o jogador, fazendo com que o contato se torne um vício.

– Vamos parar. Eu não estou me sentindo bem – disse Brenda.

– Deixa de ser medrosa, Brenda, não estrague tudo – falou Alice.

– Quem vai ser o primeiro a perguntar? – inquiriu Alfredo, esfregando as mãos.

– Ouça, tábua *Ouija*, nós queremos saber se existe um espírito na casa mal-assombrada e qual é o nome dele – perguntou João Marcos num gesto ousado, sentindo-se o mais corajoso do grupo.

– A gente não precisa rezar, se concentrar, sei lá? – perguntou Brenda.

– Não sei, é a primeira vez que fazemos isso. Bem, pelo menos com essa tábua – completou Alice.

– Psiu! Silêncio! Vocês estão atrapalhando a comunicação – advertiu Alfredo.

– Vamos fechar os olhos. De repente fica mais fácil – disse ainda Alice.

E assim foi feito. Os quatro, de mãos dadas, mentalizaram o possível espírito que estivesse no casarão abandonado e como poderiam fazer contato com ele.

A olhos nus não seria possível perceber, mas, assim que os pensamentos se entrelaçaram, começou a acontecer uma interessante magia, que os espíritas chamam de evocação.

Duda, ou melhor, Maria Eduarda, atraída até ali, sem que assim o quisesse, aproximou-se do grupo um pouco atordoada. Quem eram aquelas pessoas? O que estavam fazendo ali? Por que a evocavam? Sentia-se tonta, sem rumo, perdida... Parecia que volitava no ar como uma bailarina desajeitada e tosca em busca de uma direção.

De repente, sem que assim o desejasse, sentiu-se muito próxima de Brenda, que, de olhos fechados, tremia só em pensar que pudesse sentir ou visualizar alguma coisa ou alguém ligado ao mundo espiritual. Mas, como as energias se atraem, energias positivas ou negativas, mais fortes ou mais fracas, houve um contato de mentes e Brenda percebeu que sua boca estava falando aquilo que a outra energia estava soprando em sua mente, dando origem a um processo que é chamado entre os espíritas de psicofonia.

– Por que vocês me chamaram aqui? Duda, o meu nome é Duda, e eu preciso de ajuda.

Brenda, recompondo-se rapidamente daquela investida espiritual, abriu os olhos com medo, cortando todo e qualquer contato com o ser que tentava se comunicar com ela.

Depois de alguns minutos em que estivera paralisada e confusa, conseguiu balbuciar entredentes, perante o olhar espantado dos outros jovens:

– Duda, o nome dela é Duda. Ah, meu Deus! E ela está tão triste, tão

sozinha, tão perdida...

Dizendo isso, a jovem levantou-se agitada e saiu em desabalada carreira, até alcançar a rua e seguir correndo para casa, enquanto os outros jovens se entreolhavam assustados, ainda sob o efeito daquela importante revelação.

Capítulo 6

– Oi, Brenda, tudo bem? Por que você está fugindo de mim? – questionou Alice, sentando-se ao lado da amiga na sala de aula.

João Marcos e Alfredo as observaram intrigados.

– Eu estou nervosa, dá licença – respondeu a jovem num fio de voz.

– O que está havendo? Brenda, Alice, algum problema? – perguntou a professora de português um pouco irritada pelo falatório das meninas.

– Nada, professora. Desculpe – respondeu Alice, tentando apaziguar a situação.

Um pouco mais tarde, quando a professora precisou sair da sala para atender a um telefonema, Laura, trocando de carteira, se envolveu na conversa das duas.

– O que está havendo, Brenda? Tudo bem com você? Está tão agitada!

– Brenda está nervosa com umas coisas que descobrimos – respondeu Alice, moderando a voz.

Laura tocou as mãos da menina com carinho.

– Brenda, não fique nervosa, eu já disse que posso ajudar.

– Mas como? Como você pode nos ajudar? – questionou Brenda, quase gritando e extremamente nervosa pela situação em que estava envolvida.

Laura falou, diminuindo o tom de voz, para que os outros alunos não a ouvissem:

– Eu posso falar com minha mãe e sei que ela pode nos orientar. Como eu já disse a vocês, eu e minha família frequentamos um Centro Espírita.

– Acho que não devemos envolver sua mãe nessa história – disse Alfredo, se aproximando e sentando-se ao lado das meninas.

– Por que não? – perguntou Laura. – Ela pode ajudar e sabe muito mais do que eu, do que nós. É perigoso fazermos essas coisas sem a orientação de um adulto.

– Ou melhor, de quem entenda dessas coisas de espíritos – complementou Alice.

– Aquela história da tábua foi um fiasco – atalhou Alfredo.

– E perigoso também. Vejam como a Brenda ficou, com os nervos abalados – disse Alice, alisando os cabelos da amiga.

– Nós não sabíamos que o espírito iria se comunicar através da Brenda, pensamos que só ia escrever, sei lá – disse João Marcos.

– Que diferença faz? Estaríamos atraindo espíritos do mesmo jeito e isso é errado. Além do mais, a Brenda é médium e poderia ficar prejudicada com tudo isso.

– Me esqueçam, por favor. Eu estou bem, eu vou ficar bem – disse Brenda, nervosa, e se esquivando para não se sentir o centro das atenções, fato que tanto a incomodava em sua timidez.

– Laura, como faremos, então? – perguntou Alfredo, completamente interessado em encontrar uma solução.

– Vamos marcar uma reunião em minha casa. Lá poderemos conversar com minha mãe, já que esse espírito precisa de ajuda.

– Então, estamos todos combinados? – perguntou Alfredo, tentando colocar um fim àquela conversa que estava se tornando desconfortável.

Todos acenaram que sim, enquanto a professora retornava para a sala de aula.

Experiente, Dona Nanci, a professora, sentiu que o clima estava tenso, diferente, e resolveu perguntar ao grupo sobre o que estava acontecendo:

– Quem quer me contar o que houve aqui nessa sala enquanto me ausentei para atender ao telefone?

Todos ficaram quietos, enquanto o resto da turma também demonstrou não saber muito sobre a conversa dos amigos.

– Quem vai começar? – insistiu a professora. – O grupinho aqui da frente? Estou aguardando – disse, dirigindo-se aos cinco jovens.

– Está bem, eu começo – disse Alfredo. – Estávamos conversando sobre o espírito da menina que morreu e continua a vagar no casarão abandonado.

Alguns alunos da turma gargalharam, outros ficaram em silêncio, querendo também conhecer mais sobre o assunto.

– Espírito da menina morta, como assim? – insistiu a professora. – O que vocês sabem sobre esse assunto?

– Bem, professora – começou Laura –, eu sou espírita e estava dizendo a eles dos riscos de se evocar esses espíritos. Até porque, segundo se conta por aí, a menina foi assassinada.

– Ai, meu Deus, que papo é esse, professora? – disse Juliana, uma menina de traços orientais que se sentava também nas primeiras carteiras. – Essa conversa está ficando sinistra!

– Vocês estavam evocando espíritos? Expliquem melhor – insistiu a professora, desejando se inteirar da situação.

– Eu explico, professora – disse João Marcos com voz pausada. – O Alfredo conseguiu uma tábua *Ouija* e nós tentamos evocar, chamar esse espírito, para saber dele o que realmente aconteceu. Foi isso.

A professora estava perplexa com todas aquelas declarações. O resto da turma também.

Dona Nanci continuou:

– Se vocês estão falando do assassinato da Maria Eduarda de Carvalho,

filha daquela importante família que morava aqui na cidade, esse crime aconteceu há vinte anos e até hoje, por mais que a polícia tenha tentado resolver esse assunto na época, não sabemos realmente o que aconteceu ou quem foi o assassino, já que se diz que a menina foi raptada e morta, sendo seu corpo encontrado no casarão abandonado . Não sabemos se foi morta naquele local ou se seu corpo foi depositado lá pelo assassino depois de morta. Mesmo depois de passado tanto tempo, tudo em relação a esse caso é ainda um grande mistério.

– Era exatamente isso que estávamos tentando descobrir – disse Alfredo. – Segundo sabemos, seu espírito ainda anda por lá assombrando a velha mansão. Nós queremos conhecer mais detalhes sobre esse crime.

– Bem, eu não entendo nada disso e também não estou ligada a nenhuma religião – disse Dona Nanci, bastante intrigada –, mas creio que esses assuntos são muito sérios para quem acredita e devem ser respeitados por quem não acredita.

– Professora, a Brenda pode ver e conversar com espíritos – disse Igor, um menino moreno que estava sentado no final da sala.

– É verdade, ela vê espíritos, ela é muito louca – disseram alguns outros rapazes que aproveitaram o gancho para tentar ofender e ridicularizar a menina.

– Ei, gente, espera aí, silêncio! Esse é um assunto que exige e merece respeito. Como pessoas educadas que somos, podemos conversar e aprender sobre o assunto de maneira civilizada – continuou a professora.

Brenda mantinha os olhos baixos. Estava desolada por ser exposta daquela maneira, mas Laura e João Marcos se colocaram em sua defesa.

– A Brenda é médium, seus desinformados, e ela não tem nada de louca. Todos nós somos médiuns em maior ou menor grau.

– É verdade. Eu vejo espíritos de manhã, de tarde, de noite – gracejou Martim, um menino de sotaque sulista que havia chegado na escola naquele ano.

– Que medo! – disseram alguns alunos sorrindo da brincadeira do colega,

que despertou a algazarra do grupo dos fundos.

– Gente, silêncio! Eu exijo respeito – disse a professora. – Se não pudermos conversar com educação, vamos encerrar o assunto.

– Eu já pedi para respeitarem a Brenda – disse João Marcos. – Parem de zoar a menina!

– E o que vocês pretendem fazer em relação a esse assunto? – perguntou ainda Dona Nanci.

Laura, levantando a mão, pediu a palavra.

– Eu disse a eles, professora, que minha mãe poderia nos ajudar.

– Ajudar como, Laura? Você pode explicar melhor?

– No Centro Espírita que frequentamos, um espírito se comunicou e pediu ajuda para o espírito da menina assassinada. Disse que ela estava vagando e que necessitava de muitas preces para seguir seu caminho em paz.

– A gente podia orar por ela. Eu sou católica e acho que poderíamos rezar um Pai Nosso, que é uma oração universal – disse uma jovem gordinha e de cabelos pintados de rosa.

– Com certeza, Marcela – respondeu a professora. – Não estamos falando de religiões, mas sim de ajudar a quem precisa.

– Eu não acredito nessas bobagens. Para mim, morreu, acabou e pronto – disse um rapaz de cabelos grandes e encaracolados.

– Eu acho que tudo isso é coisa do Diabo – disse outra jovem que se intitulou evangélica. – Onde já se viu acreditar que espíritos andam por aí pedindo preces e assombrando casas?!

– Não importa que religião a gente tenha ou no que acreditamos. O que precisamos é respeitar a opinião e a religião dos outros. Nada de intolerância – disse Dona Nanci, tentando acalmar os ânimos.

E, como toda a turma ainda a ouvisse com interesse, a professora continuou:

– Em relação ao pedido da Marcela, eu proponho que agora cada um de nós possamos cerrar os nossos olhos e orar pela tranquilidade da menina, baseados naquilo que acreditamos. Quem é católico, ora um Pai Nosso, quem

é evangélico fala com Jesus ou com Deus a seu modo, os espíritas falam com seus mentores, espíritos protetores, enfim, faremos um momento ecumênico onde todos poderão se expressar dentro de suas verdades. O que vocês acham?

– Eu sou budista – disse um jovem franzino que estava sentado no meio da sala. – Nossa maior oração é dedicar atenção especial a todos os seres vivos, homens e animais, e tratá-los com respeito.

– Então faça isso, Vinícius. Envie vibrações de paz para o espírito da jovem do casarão e façamos cada um a nossa parte – arrematou a professora.

Aceito o convite da professora, um silêncio enorme se fez. Naquele momento, todos os jovens enviaram as suas preces àquele espírito que eles não sabiam quem era, mas por quem se sentiram motivados a ajudar com suas vibrações de amor.

Aproveitando o momento de silêncio e prece, os espíritos responsáveis por cada um daqueles jovens, e também da professora, se aproximaram contritos e sem serem vistos por eles, e retiraram daquelas preces os fluidos necessários para apaziguar o coração da jovem Maria Eduarda.

Ao mesmo tempo, na casa abandonada, Duda sentiu-se envolvida por maravilhosas e suaves vibrações. Algo de muito especial tocava seu ser e ela pôde perceber o quanto era amada. Lembrou-se de seus pais, de seus amigos, do seu animalzinho de estimação e até dos empregados que a tratavam com carinho e respeito. Com o coração envolvido por aquelas suaves vibrações, ela conseguiu se lembrar daquele que a havia ferido, porque há muito tempo seu coração havia se fechado para o amor. Fora traída em suas mais profundas convicções. Por isso ainda não havia partido. Queria que todos soubessem o que ele havia feito aquilo com ela, abusado de sua juventude e inocência, aquele que a viu crescer, aquele que a colocava para dormir quando vinha visitá-la, que lhe comprava doces e guloseimas, aquele que precisava pagar por seus crimes.

– Oh, meu Deus, por quê? Eu preciso perdoar, mas não consigo. Mas eu vou conseguir, eu quero sair daqui, seguir o meu caminho, caminhar para a

luz. Me ajude, meu Deus, me ajude! Eu o perdoo! Sim, eu o perdoo!

Ainda aturdida, sentou-se no velho e gasto sofá e, deixando-se envolver por aquelas suaves vibrações que chegavam até ela, aos poucos adormeceu e seu espírito, mais apaziguado, foi transportado pelo grupo de benfeitores espirituais que a aguardavam nesse momento para conduzi-la até uma colônia no mundo espiritual.

Um homem grisalho e de barba longa e espessa tomou a frente do grupo, explicando os próximos passos a serem tomados, enquanto Maria Eduarda era conduzida em uma maca por dois socorristas.

– Começamos hoje um longo caminho de volta, de regeneração – disse o homem que todos sabiam chamar-se irmão Alceu.

– E o que acontecerá com ela agora? – indagou Samir, um jovem de origem nipônica, bastante interessado no que estava acontecendo.

– Agora que ela foi resgatada, será cuidada em nossa colônia, e se assim permanecer no desejo de perdoar e continuar o seu processo evolutivo, será preparada para novas experiências na carne.

– Por que ela ainda não havia sido resgatada antes, já que se passaram vinte anos? – tornou a perguntar o jovem, que era calouro naquele tipo de trabalho.

– Porque não podemos obrigar ninguém a caminhar se ele assim não quiser. Precisávamos descobrir em Maria Eduarda o desejo sincero de sair daqui, de deixar esse ambiente que tanto a atormentava e principalmente de perdoar seu agressor por todas as dores sofridas.

– E por que hoje? – perguntou o rapaz.

– Porque só hoje ela desistiu do sofrimento a que ela mesmo se impôs e seu arrependimento foi sincero.

Depois de tanto sofrer, decidiu enviar pensamentos de perdão ao seu algoz e isso a libertou de suas próprias amarras. Ela estava amordaçada dentro de si mesma.

E, como o rapaz ainda o observasse surpreso, o homem acrescentou:

– As vibrações de amor enviadas por aqueles jovens e as suas orações

sinceras despertaram em nossa Maria Eduarda o real desejo de se desligar de todo o sofrimento pelo qual vem passando e de galgar novos horizontes, novas experiências, a fim de seguir em frente em direção à sua cura.

E como todos ainda o ouvissem com interesse, continuou:

– Depois que estiver recuperada, poderá conhecer pormenores de sua história. Como não existem acasos, tudo tem um porquê, e no caso de Maria Eduarda não poderia ser diferente.

Na escola, terminada a aula na turma de Brenda, depois daquele momento mágico e especial, os jovens retornaram mais felizes para suas casas, com a certeza de que suas orações feitas de maneira simples e sincera puderam ajudar aquela jovem a encontrar a paz de que tanto precisava.

Capítulo 7

O antigo edifício situado no alto de uma colina verdejante se erguia austero em meio às nuvens. Apesar de ser um prédio bem antigo em sua fundação, seus contornos representavam a arquitetura moderna de um grande hospital, com linhas majestosas que pareciam iluminar e colocar em destaque aquela construção em meio às demais.

Seus corredores silenciosos deixavam entrever várias enfermarias, na verdade pequenas saletas que abrigavam, cada uma, duas camas singelas forradas por lençóis plenamente alvos e suavemente perfumados.

Um silêncio profundo imperava em todos os lugares, e trabalhadores compenetrados em suas tarefas eram vistos circulando pelos corredores do prédio, portando lençóis muito limpos, ou jarros com água cristalina e pura, utilizados nos diversos tratamentos daquele Centro de recuperação.

Maria Eduarda despertou de um sono profundo e reparador. Sem sair da cama, olhando a seu redor, descobriu-se em um ambiente totalmente novo comparado àquele onde estivera durante tanto tempo.

O ar puro da manhã entrava pela janela aberta e ela pôde sentir a riqueza dos odores que tentou identificar. Uma brisa suave e morna que invadia todo o ambiente e o encantamento dos sons que lembravam o canto de uma ninhada de pássaros tal como se estivesse na terra encheram seu coração de novas esperanças.

– E então, sente-se melhor? – perguntou uma jovem loira, entrando no quarto e sentando-se em uma cadeira que se encontrava ao lado do leito.

– Sim, obrigada – respondeu Duda, mostrando-se ainda curiosa sobre o local onde se encontrava.

E, como a outra ainda a fitasse com interesse, complementou:

– Há muito tempo não me sentia assim. Livre, leve, com a sensação de estar sendo muito bem cuidada.

– Isso é muito bom – respondeu a jovem, levantando-se e acercando-se dela. – Que tal se levantar dessa cama e caminhar um pouco?

– Onde estou? Isso é um hospital? Confesso que ainda estou confusa sobre tudo o que me aconteceu. A última coisa de que me lembro foi que emergi em um sono profundo, que parece ter durado uma eternidade – disse Duda, levantando-se vagarosamente e sentando-se na cama.

A jovem, que aparentava ser um pouco mais velha que Maria Eduarda e que se identificou com o nome de Beatriz, respondeu à Duda, ajudando-a a se colocar de pé:

– Desde que havia abandonado seu corpo físico, seu espírito se recusava a aceitar ajuda e você ficou vagando por um longo tempo no mesmo lugar onde foi encontrada e atacada por seu agressor. Como vê, você precisava desse repouso.

Maria Eduarda baixou os olhos desalentada. Lágrimas de tristeza lhe toldaram a visão. Por tanto tempo se recusou a aceitar que morrera, que a vida no corpo físico não mais lhe pertencia, que havia deixado a existência carnal no auge de seus quinze anos de idade.

Com a voz tomada por intensa dor, perguntou à jovem:

– Por que, Beatriz? O que foi que eu fiz para merecer sair da vida física de

forma tão violenta, tão brutal? Esse sono me trouxe lembranças, muitas lembranças, infelizmente muitas delas nada felizes.

Beatriz estendeu as mãos à jovem e, conduzindo-a por um grande terraço que fazia parte daquele ambiente e por onde alcançaram imenso jardim repleto de margaridas brancas e azuis, convidou-a para que se sentasse em espaçoso banco feito de um material que se assemelhava a madeira, e continuou:

– Nenhum de nós é só vítima ou só algoz, Maria Eduarda. Estamos todos entrelaçados em nossos destinos, a fim de acertamos os nossos erros, ou melhor, aquilo que não conseguimos realizar de forma satisfatória em nossas vidas anteriores.

Maria Eduarda fitou Beatriz com intensidade.

– Eu era só uma menina, uma jovem cheia de sonhos, queria estudar, viajar; estava apaixonada por Jairo, queria me casar, ter filhos, ser feliz...

– Esse resgate foi acertado antes de você seguir viagem em sua vida mais recente. Quando mergulhamos em um novo corpo na carne, estamos cientes de tudo aquilo que nos tornará melhores e vitoriosos em nossas missões.

Maria Eduarda continuou com voz sofrida:

– Então somos nós que escolhemos toda essa dor e esse sofrimento?

Beatriz tinha voz suave, mas firme, quando falou:

– Escolhemos aquilo que nos tornará melhores, só que às vezes nossas escolhas não são acertadas e precisamos refazê-las a fim de podermos seguir e agir acertadamente quantas vezes forem necessárias.

Maria Eduarda continuou com voz pausada:

– Tenho uma família maravilhosa. Meus pais, de quem sinto tanta saudade, foram pais exemplares. Me ofereceram carinho, estudo, condições para que eu pudesse realizar e planejar meu futuro através de meus sonhos. Como ficariam decepcionados se soubessem o que realmente me aconteceu. Como devem ter sentido a minha ausência!

– Sim. Com certeza, minha querida. Perder um filho é realmente uma dor sem medida quando não se conhece os motivos dessa perda. A única coisa

que supera a dor da ausência física daqueles a quem amamos é a certeza desse nosso reencontro.

Maria Eduarda tocou com suavidade algumas margaridas que esvoaçavam no jardim e continuou com voz pausada:

– Pena que às vezes, na terra, somos tão tolos. Não valorizamos as oportunidades que temos, não dizemos às pessoas que amamos o quanto elas são importantes em nossa vida, não exercemos e exercitamos a real essência do amor.

Beatriz esboçou um sorriso triste, mas suas palavras revelavam grande sabedoria quando falou:

– Viver na terra é um grande aprendizado, não é mesmo?

Duda também sorriu ao responder:

– Sim, é. Pena que só descobrimos todas essas coisas quando já não estamos mais perto de quem amamos, quando não temos mais um corpo físico, quando não há mais nenhuma chance.

– Não diga isso! Sempre haverá uma nova chance, Maria Eduarda, sempre!

– disse Beatriz. – A vida física é um contínuo aprendizado, e vamos passar por ela até evoluirmos em perfeição e podermos viver plenamente a vida do espírito, a vida que estamos vivendo agora. – E, fitando Maria Eduarda com ternura, complementou: – Me diga, do que você consegue se lembrar?

A voz da jovem quase morreu na garganta. Era tão difícil relembrar aquele momento, mas, fazendo um esforço sobre-humano, ela falou:

– Por tantas vezes eu tentei pensar no momento em que tudo aconteceu, mas era tão doloroso relembrar o dia em que saí da escola, a alegria de rever alguém tão querido, a surpresa daquelas declarações e finalmente o ato que culminou com a minha morte.

E, como Beatriz a ouvisse com profundo interesse e olhar sincero, Maria Eduarda continuou:

– No primeiro momento, depois que despertei, eu só queria encontrá-lo e me vingar dele, queria poder gritar a todas as pessoas que o responsável por aquele ato tão infame era alguém que estava tão próximo do meu coração,

alguém que eu aprendi a amar como um segundo pai, alguém por quem eu nutria profundo amor e respeito.

Dizendo isso, a jovem desabou num choro convulsivo, sendo amparada por Beatriz, que, com suavidade, ministrou-lhe suave passe magnético.

– Vamos parar então. Não é aconselhável que você fique tão alterada – ponderou a jovem, tentando dar a entrevista por terminada.

Maria Eduarda implorou com o olhar e também com palavras:

– Não. Por favor, Beatriz, eu preciso falar, eu preciso desabafar a grande dor que toma todo o meu peito, apesar de você, com certeza, saber de tudo o que se passou comigo.

Beatriz concordou afirmativamente com um aceno.

– Se você tem certeza de que pode continuar...

E Duda continuou, com voz sofrida:

– Por mais que eu quisesse, por mais que eu lutasse, eu não conseguia me afastar dali. Sentia-me desesperada, perdida, ferida não só fisicamente, mas com um grande buraco em minha alma. Não conseguia entender como havia sido possível que aquele homem, a quem eu amava com amor puro e fraternal, me falasse de um amor carnal, de uma paixão desmedida e me infligisse o sofrimento moral a que fui submetida, ao ser alvo de suas investidas doentias.

Beatriz esperou que ela pudesse continuar e se recompor.

– Por isso vaguei por tanto tempo, não queria me lembrar, não queria sofrer, só queria esquecer, queria fingir que não era verdade, que tudo havia sido um sonho mau, do qual em breve eu me libertaria.

Beatriz continuava atenta ao relato sofrido de Duda.

– Lutei por muito tempo querendo não aceitar aquilo que havia me acontecido. Foi só no dia em que visualizei o medalhão e o colar que pude então relembrar o que realmente havia se passado e entender claramente aquilo que eu não queria aceitar como sendo verdade. Depois, preces tão sinceras e sentidas chegaram até mim, que foram como um bálsamo para minhas feridas emocionais, e me fizeram perceber que eu precisava perdoar,

me libertar da prisão que eu mesma havia construído ao redor de mim, da minha própria dor.

Beatriz só ouvia, esperando novas revelações. E Duda continuou, com voz sofrida:

– Aquele medalhão era do meu tio, ou melhor, havia sido um presente dele à minha tia Mirtes no dia do aniversário de casamento deles, ocorrido um mês antes, em uma festa linda e maravilhosa da qual todos nós nos sentimos honrados em participar, já que eles moravam nos Estados Unidos e não nos víamos com muita frequência. No dia em que ele retornou de viagem, vindo dos Estados Unidos sem nenhum aviso prévio, foi me buscar na escola. Convidando-me para ir com ele ao casarão abandonado, através de um ato transloucado e insano, declarou sua paixão por mim e disse como havia sentido a minha falta, tentando me subornar com aquele presente valioso, com aquele colar de pedras preciosas que ele subtraiu da esposa, dizendo que ele o daria a mim se eu assim o quisesse, como prova do seu grande amor por mim.

Maria Eduarda chorou copiosas lágrimas de dor e desespero. Beatriz ouvia com olhar piedoso.

– Sim, o cordão de esmeraldas com o medalhão e a letra M era do meu tio Olavo, do meu grande amigo, daquele que me tirou a vida através de uma declaração insana, de um gesto impensado, de uma ação bestial e perversa.

Beatriz, também muito emocionada, resolveu realmente pôr fim àquela conversa:

– Por hoje chega, minha querida. Não pense mais sobre isso. Vamos voltar para o seu quarto, você precisa descansar.

Maria Eduarda, muito cansada, deixou-se conduzir por Beatriz de volta ao quarto, enquanto a jovem disse, carinhosa:

– Você terá tempo suficiente para entender todos os pormenores que compõem a sua história. Em breve você poderá conversar com o irmão Alceu ou com o irmão Samir, que trabalharam na equipe que a socorreu, e saber mais detalhes sobre a sua história.

Maria Eduarda aquiesceu, deitando-se na cama e bebendo um líquido claro e cristalino que lhe era oferecido pela jovem.

– Agora descanse. Tudo ficará bem – disse Beatriz, retirando-se.

Maria Eduarda, atendendo ao pedido da jovem que acabava de se retirar, cerrou os olhos e adormeceu, amparada ainda pelas vibrações das preces enviadas à ela pelos alunos da turma de Brenda e pelo trabalho feito na Casa Espírita que Laura e sua família frequentavam, ficando para ela a maravilhosa certeza de que a prece feita com sinceridade pode curar todos os corações feridos.

Capítulo 8

Naquela noite, Brenda dormiu e teve um sonho bastante intrigante. Sonhou que caminhava por um campo imenso, com flores dos mais variados matizes. Um aroma envolvente se insinuava através dos campos verdes pelos quais caminhava, trazendo uma agradável sensação de bem-estar.

De repente, depois de caminhar por algum tempo naquelas paragens que lembravam a ela o cenário de um maravilhoso filme, visualizou Duda, ou melhor, Maria Eduarda, que veio correndo ao seu encontro.

– Obrigada por vir, Brenda. Desejei tanto que você viesse. Só você poderá me ajudar!

Brenda ficou assustada com a colocação da jovem, que demonstrava estar com a aparência um pouco mais tranquila.

– Como assim? Por que só eu posso ajudá-la? – perguntou Duda, curiosa.

– Porque você pode me ver, sentir minha presença. Entre os encarnados, você possui um dom maravilhoso que as pessoas chamam de *mediunidade*.

Brenda fitou a jovem com tristeza.

– Não sei se gosto de possuir esse dom, nem acho que ele seja tão maravilhoso assim.

– Por que diz isso? – inquiriu Maria Eduarda.

– É que eu tenho muito medo das coisas que acontecem comigo. Não gosto de ver esse mundo de vocês quando estou acordada, porque às vezes vejo coisas muito ruins...

Maria Eduarda tomou as mãos da menina entre as suas, beijando-as com carinho.

– Durante tanto tempo desejei me comunicar com alguém, eu já havia perdido as esperanças, até que encontrei você. Os médiuns são os nossos ajudadores. É através deles, ou melhor, de vocês, que nós podemos nos comunicar com o mundo físico, e isso é incrivelmente maravilhoso.

Brenda sentiu pena da menina. Vencendo o medo, olhou-a com fixação e interesse, percebendo que Maria Eduarda se revelava a ela como uma jovem linda, de longos cabelos dourados e esvoaçantes, acreditando ser essa a aparência que ela tinha quando encarnada.

– Você é tão bonita! Me conta a sua história – pediu Brenda, com muita curiosidade por saber tudo o que havia acontecido com aquela linda jovem. Ali, onde estavam, tão próximas, descobriu que não sentia medo. Ali Maria Eduarda era uma jovem tal como ela.

Maria Eduarda sentou-se na relva, convidando Brenda para que também o fizesse e, como se pudesse ler seus pensamentos, falou:

– Eu era uma menina assim como você, Brenda. Tinha uma família que me amava, que cuidava de mim com muito amor e carinho. Filha única, meus pais só me tiveram quando já estavam na meia-idade. Mesmo pertencendo a uma família de boa situação financeira, meus pais me deram uma educação esmerada, baseada em limites e valores familiares, nunca me criaram como a uma menina riquinha, fútil.

Brenda continuava encarando a menina com interesse. Tomando coragem, perguntou de repente:

– Você era feliz?

Maria Eduarda sorriu ao responder:

– Sim, muito feliz. Tinha amigos, uma família unida, meu lindo cachorrinho Tobias e tinha um namorado, chamado Jairo, que era o amor da minha vida.

Os olhos de Brenda se encheram de lágrimas que ela não pôde controlar. Duda também sentiu pena da menina que, aos seus olhos, se mostrava tão frágil e desorientada.

– Você também está chorando? O que houve?

Brenda gaguejou quando disse com voz sumida:

– Como é ter um namorado? É que eu queria muito saber...

Maria Eduarda sorriu com singeleza.

– Bem, para mim foi maravilhoso, mágico, encantador. Fazíamos planos para nos casarmos, estudarmos, viajarmos o mundo, termos filhos...

Brenda falou com voz hesitante:

– Eu queria tanto ter um namorado, mas ninguém olha para mim, ninguém me acha interessante ou sente falta da minha companhia. Me sinto tão feia!

Maria Eduarda, ouvindo aquilo, abraçou Brenda. Era um abraço tão sincero, tão afetuoso, que parecia estancar todas as dores existenciais daquela alma jovem que até aquele momento da vida sentira-se diferente dos demais.

– Não diga isso. Você é uma menina linda, dócil, inteligente. Pare de se menosprezar. Tudo na vida tem um tempo certo. Sinto que você ainda será muito feliz em sua encarnação na terra. Vai amar, ser amada...

– Será mesmo? Ninguém me olha de verdade. Bem, assim como eu queria. São todos só meus amigos. Não tenho beleza. Também, com esses óculos fundo de garrafa e aparelho nos dentes, ninguém iria mesmo querer me namorar.

– E o João Marcos? Você precisa se dar uma chance!

Brenda sorriu desconsolada. Como Maria Eduarda sabia que João Marcos era o grande amor de sua vida? Mas do que adiantava, se esse era um amor impossível? Enxugando as lágrimas, e um pouco envergonhada por estar expondo seus sentimentos naquele momento, pediu que a jovem prosseguisse

a narrativa.

– Sinceramente, me desculpe – falou, envergonhada. – Sou mesmo uma tola. Interrompi a sua história com as minhas bobagens. Continue, por favor! Quero muito conhecê-la melhor...

E Duda prosseguiu a narrativa, tomando as mãos da menina nas suas:

– Em minha casa eram comuns os jantares em família. Tudo preparado por Rosa, nossa fiel ajudante e mais alguns colaboradores. Rosa tinha uma filhinha linda, chamada Joana, criança também muito querida, inteligente e muito amada por nós. Foi através de Joaninha que eu soube não pertencer mais ao mundo dos vivos.

– Como assim? O que ela te disse? – indagou Brenda com interesse.

– Um dia, depois de sentir uma saudade imensa que quase me arreventou o peito, me vi novamente em casa. Revi meu lar, o meu quarto, meu querido Tobias, que, deitado na porta de entrada, latiu desesperadamente quando detectou minha presença. Mas os outros, bem, ninguém conseguiu me ver, minha mãe, minha tia, meu pai, ninguém conseguiu me enxergar ali. Falava e eles não respondiam, até que fui ao quarto de Joaninha que, tendo o poder de me divisar a presença, gritou com todas as suas forças, alertando a todos na casa que havia me visto. Gritando muito, custou a se acalmar. Logo após Rosa entrou no quarto e começou a explicar a ela que agora eu era uma estrelinha, que eu morava com Deus, que eu estava morta!

Brenda sentiu imensa pena de Maria Eduarda. Queria poder consolá-la em sua dor, dizer palavras bonitas tal como ela havia feito anteriormente com ela, mas a única coisa que conseguiu dizer foi:

– Sinto muito, Duda. Deve ter sido horrível para você ouvir essa declaração naquele momento.

E Maria Eduarda prosseguiu com vagar:

– Sim, foi, mas o que mais me deixou desesperada foi que eles não me viam, não me ouviam... Foi aí que eu percebi que estava realmente morta e também estavam mortos todos os meus planos, o meu amor, os meus sonhos... Foi aí que me lembrei com pavor da cena que culminou com a

minha morte e me horrorizei. Queria fugir dali, mas para onde?

Dessa vez Brenda não resistiu. Foi ela quem abraçou a jovem, tentando confortá-la de todas aquelas dores.

– Eu sinto muito, Duda, sinto muito mesmo – disse Brenda, apertando as mãos da moça nas suas. – O que aconteceu depois?

Duda, recompondo-se daquelas lembranças tão doloridas, continuou a narrativa ainda devagar:

– Depois que ouvi aquela declaração, fiquei vagando sem rumo, sozinha, desesperada, tentando encontrar uma solução para minha vida, até que de repente me vi novamente na casa abandonada e nunca mais saí de lá. Era como se eu estivesse presa, imantada àquele lugar, punindo a mim mesma, me alimentando das minhas dores.

– Querida Maria Eduarda! Muito triste a sua história! – disse Brenda, de fato bastante entristecida.

– Sim, tudo isso é muito triste, Brenda. Eu gostaria que as coisas não tivessem acontecido desse jeito.

– E como você se lembrou de tudo o que havia lhe acontecido?

– Um dia, quando ainda não sabia direito quem eu era nem onde estava, perdida em minhas reflexões, eu visualizei o medalhão, a joia com a qual o meu tio tentou me subornar e me oferecer o seu amor. Maldito medalhão!

– Acho que não entendi direito. Seu tio quis lhe dar uma joia ao lhe falar de seu amor?

Maria Eduarda precisou ser muito forte para fazer aquela declaração.

– Sim, Brenda. Meu tio Olavo, irmão mais novo de minha mãe, é o responsável pela minha desgraça, por todas as dores que passei.

– Então foi ele que...?

– Sim, foi ele! Ao ver o que havia feito comigo, ficou desesperado e queria que eu promettesse não contar a ninguém, nem mesmo a meus pais o que havia acabado de acontecer ali, já que ele, num gesto insano e covarde, me tomou à força, corrompendo a minha mocidade e inocência e tornando-se meu algoz ao me submeter a tamanho vexame e acabar com minha vida, com

medo de ser descoberto.

– Meu Deus! Oh, Duda, eu sinto tanto, tanto...

– Imagine eu! Eu me senti destruída, desprotegida, desesperada. Não conseguia aceitar que um homem que eu amava como a um pai tivesse me feito tanto mal.

Brenda estava estarelecida. Não sabia o que pensar, o que dizer...

– E onde essa joia está agora?

– Enterrada na areia do velho casarão, no cômodo que me parece ter sido um quarto de casal, não sei bem...

E, como Brenda ainda a ouvisse com interesse, Duda continuou:

– É por isso que eu preciso que me ajude, Brenda! Preciso muito de sua ajuda...

Brenda, comovida, prontificou-se a ajudar. Duda era alguém que precisava dela, e ela podia se sentir importante ajudando outro alguém.

– Sim, claro! Como posso ajudar você? – perguntou, ansiosa.

– Você deve procurar aquele medalhão e o colar, Brenda, e entregá-lo à polícia. Só assim o homem que fez isso comigo poderá ser punido pela justiça dos homens. De posse dessas informações, a polícia poderá reabrir o caso e a verdade poderá, enfim, ser esclarecida.

Brenda fitou a moça com pena e interesse.

– Você já o perdoou?

Maria Eduarda gaguejou um pouco em suas palavras, mas foi firme ao responder:

– Sim, creio que já o perdoei, mas tudo o que aconteceu comigo precisa ser esclarecido a fim de trazer algum conforto à minha família, aos nossos amigos, para toda a sociedade.

Brenda estava extática. Jamais pensou que pudesse ajudar alguém daquela maneira. Toda aquela história parecia um longo filme de ação policial.

– Você promete que fará o que estou lhe pedindo? – insistiu Maria Eduarda, fitando a menina com amor e amizade.

– Sim, Maria Eduarda, eu prometo que vou ajudá-la, e que serei sua amiga

para todo o sempre. Conte comigo!

Capítulo 9

Naquela manhã de sábado, o tempo amanheceu chuvoso. Brenda, que sempre aproveitava o final de semana para andar de bicicleta pelo quarteirão, demorou-se na cama mais do que de costume ao ver que naquele dia não poderia realizar seu intento. Além do mais, havia tido um sonho esquisito. Sonhou que estivera conversando com uma menina mais ou menos da sua idade, uma jovem linda, mas de semblante tristonho, que lhe estendia as mãos e lhe pedia ajuda. Duda era o nome da menina, ou melhor, Maria Eduarda.

Lembrando-se do sonho e de algumas coisas que haviam conversado, sentiu medo. A menina do sonho dissera a ela que havia sido assassinada. Bem, era disso que ela se lembrava vagamente, e esse fato lhe causava um intenso mal-estar. Desejou se levantar para ir beber água, usar o banheiro, mas seu coração, batendo descompassado, não permitiu que ela assim o fizesse ao se lembrar do sonho e sentir-se insegura com aquelas lembranças.

Tentando dominar suas emoções, ficou quietinha, deitada, ouvindo o

barulho da chuva que caía forte e molhava as plantas no quintal. Recostou-se na cama, cansada de tanto pensar e, tentando juntar as peças daquele quebra-cabeça, acreditou que a jovem com a qual sonhara se tratava da mesma jovem da casa abandonada, pois no dia em que a evocaram, através da tábua *Ouija*, na casa de Alfredo, o espírito que se comunicou com ela disse se chamar Maria Eduarda e também pediu ajuda.

Cobrindo o rosto com o cobertor quadriculado que estava estendido sobre a cama e sentindo um medo intenso, Brenda resolveu que não poderia continuar comportando-se assim. Precisava fazer alguma coisa com aquele dom, com aquela faculdade que a tornava diferente dos demais, que era o dom de ver e ouvir espíritos.

Por causa daquele dom, sentia-se solitária, rejeitada, nervosa. Graças a João Marcos, os meninos da turma até que a haviam deixado em paz, mas era ela quem não estava bem, era ela quem se sentia estranha ao saber que poderia penetrar sempre que quisesse no mundo espiritual. Poder ver espíritos, falar com eles, lhes detectar a presença não a deixava confortável e nem era um fato considerado normal para uma jovem de dezesseis anos de idade que não sabia quase nada sobre aquele assunto.

Sua avó Hermínia, que sabia tudo o que se passava com ela, sempre que vinha visitá-la queria saber como ela estava se sentindo e como conseguia lidar com tudo aquilo, já que ela mesma, alguns anos antes, havia levado Brenda até uma Casa Espírita.

Brenda amava Dona Hermínia. Sua avó era como se fosse sua segunda mãe, e era para ela um apoio constante quando a menina precisava de alguma ajuda, principalmente sobre algum assunto relacionado ao mundo espiritual.

Com sua mãe era diferente. Apesar de Mariana ser uma mãe exemplar e seu pai Antônio um pai atencioso, Brenda não se sentia à vontade com nenhum dos dois. Por mais que tentasse, não conseguia se abrir com a mãe, sobre qualquer assunto, principalmente sobre aqueles que envolviam o mundo dos espíritos. Com o pai, que via pouco, por causa de seu trabalho

como piloto, também o relacionamento não era dos melhores, apesar dela saber que eles se amavam e a amavam muito também.

Brenda amava seus pais e sabia do grande esforço que faziam para que eles tivessem uma família feliz. Ficou encantada quando soube que seu pai era o melhor amigo de sua mãe na escola. Seu maior desejo era que um dia ela também pudesse se casar com João Marcos, seu atual amigo do segundo ano, pelo qual sentia-se realmente apaixonada.

Sonhos... tantos sonhos, pensava a menina ruiva e de pele sardenta, que escondia toda a sua ternura atrás do seu silêncio, do seu jeito arredio e hostil. Seus pais até já lhe haviam sugerido que usasse uma lente de contato, mas ela preferia se esconder atrás de sua aparência desleixada, que não dizia nada sobre seu jeito de ser, sobre os seus sentimentos. E era isso que ela precisava aprender: como crescer, como aproveitar aquele amor vindo de seus pais, como se relacionar bem com seus amigos, com todas as pessoas, com a sua família, que ela sabia: fariam tudo para vê-la feliz.

Cochilou um pouquinho envolvida por todas aquelas lembranças e, quando abriu os olhos novamente, já havia barulho na casa. Brenda levantou-se também, ouvindo seu pai, que retirava o carro da garagem.

Quando entrou na cozinha para tomar seu café da manhã, ficou observando sua mãe. Como era bonita!

Mariana, ao sentir-se observada, sorriu. Brenda pensou sobre o quanto amava sua mãe, mas jamais havia dito a Mariana o quanto ela era feliz por ser sua filha. Será que os filhos diziam essas coisas para seus pais?

Continuou observando a mãe, que descascava alguns legumes para fazer uma sopa, e resolveu quebrar a barreira de gelo, que muitas vezes impedia com que se relacionassem de modo sadio, que conversassem como mãe e filha.

– Mãe, você está muito ocupada?

Mariana virou-se para encarar a filha. Seu coração quase pulou de alegria. Brenda era sempre tão fechada, nunca queria conversar, comportamento típico dos adolescentes. Se ela agora a buscava para que pudessem ter algum

tipo de conversa, isso era um bom sinal.

Mariana respondeu alegremente, tentando disfarçar a emoção que lhe tomava o peito:

– Claro que não, filha. Nunca estarei ocupada para você.

– Podemos conversar então?

– Sim, Brenda, o que foi?

– Eu preciso te contar uma coisa, mas nem sei como vou começar.

Mariana, entrevendo a seriedade da conversação, levou Brenda para seu quarto e, sentando-se com ela em sua cama, iniciou a conversa tão esperada:

– O que é, filha? O que te aflige? Como posso ajudar você?

Brenda, sentindo-se ouvida, falou, quase gritando, sobre as revelações que lhe tomavam o peito:

– O nome dela é Duda, mãe, ou melhor, Maria Eduarda! E ela precisa de ajuda!

Mariana não entendeu muito bem o que a filha estava dizendo.

– O que você está me dizendo, minha filha?

Brenda continuou agitada, tentando conter a todo custo o nervosismo que lhe tomava o peito, junto com aquela declaração.

– Que o nome do espírito que está lá na casa abandonada é Maria Eduarda. Ela era chamada de Duda. Ela está triste, angustiada, e precisa de muita ajuda e preces.

Mariana gelou, ficou extática. Não podia acreditar no que ouvia. Que informação era essa que Brenda trazia agora, já que ela não tinha conhecimento da história que havia abalado tanto a sua vida e a daquela cidade vinte anos antes?

Como num *flash*, um filme se passou na mente de Mariana. Lembrou-se de quando tinha a idade da filha, de frequentar a escola com Maria Eduarda, de como elas teciam sonhos amparadas por sua adolescência, da beleza de ser jovem.

Rememorou rapidamente as idas aos bailinhos, a amizade com a jovem de cabelos castanhos e de olhos verdes que era considerada a menina mais

bonita da escola, do quanto adorava quando Maria Eduarda, que era uma menina rica, a mais rica daquela pequena cidade, a convidava para ir tomar sol na piscina de sua casa, da convivência com a família que demonstrava amar muito a jovem, filha única de um casal que a recebeu tardiamente. Lembrava-se dos encontros da turma, de como eles fugiam até o casarão abandonado no final da rua, a fim de demonstrar coragem, ela para impressionar Antônio, que agora era seu marido, e Duda para conquistar Jairo, aquele que era, para ela, o grande amor de sua vida.

Mas aí, quando tudo parecia perfeito na vida das meninas e em seus sonhos adolescentes, aquele trágico momento, que Mariana passou a vida tentando esquecer, veio colocar fim à paz da vidinha pacata dos habitantes locais. A cidade realmente adoeceu quando Maria Eduarda, a Duda de todos, a menina linda e amorosa que ajudava a quem quer que fosse, que distribuía simpatia e carinho, foi encontrada morta com sinais de abuso sexual no velho casarão que ficava no fim da rua principal, tendo o assassino jamais sido encontrado.

Durante tantos anos, Mariana conviveu com aquela dor no peito, com aquela saudade, mas ela sempre evitou falar nesse assunto para não assustar a filha, que era tão medrosa, tão arredia, cheia de medos e recalques. Por que agora Brenda trazia a ela aquelas revelações?

O coração, a emoção lhe toldaram a visão. Um breve desmaio se insinuou aos seus sentidos e Mariana teve que buscar ser forte para se recompor.

– Mãe, o que foi? – perguntou Brenda, vendo que a mãe havia empalidecido de repente.

Lágrimas copiosas escorreram dos olhos de Mariana, que falou com a voz embargada, ao ver a filha retornar com um copo de água:

– Maria Eduarda e eu éramos melhores amigas, minha filha, e a sua morte foi um grande baque não só na minha vida, mas na vida de todos nós aqui dessa cidade!

Brenda ficou surpresa com aquelas declarações.

– Mãe, então você a conhecia?

E Mariana, com grande esforço, prosseguiu:

– Sim, minha filha, muito. E o seu assassinato me causou muita dor. Eu amava minha amiga, minha querida amiga Maria Eduarda.

– Mãe, por que você nunca me contou sobre isso antes? – inquiriu Brenda, realmente espantada com aquela declaração.

– Porque eu nunca quis assustar você com esse assunto. Quando tudo isso aconteceu, a nossa cidade vivenciou momentos de muito medo. Vivíamos em pânico, tínhamos medo de ir até a esquina, porque, afinal, o assassino nunca foi encontrado. Nossos pais ficaram apavorados, já não se faziam mais festas no grêmio estudantil, a cidade ficou em polvorosa, porque, como o assassino continuava à solta, achávamos que ele ainda poderia estar entre nós.

Brenda falou nervosa, quase atropelando as palavras:

– Então é isso, mãe. Deve ser sobre isso que a Duda quer falar. Ela quer revelar quem foi o seu assassino, para que ele seja preso e possa pagar pelo o que fez. Ela me disse no sonho o nome do culpado, mas eu não consigo me lembrar!

– Ai, Brenda, pelo amor de Deus! Pode ser isso. Talvez a Duda queira revelar quem fez aquilo com ela, já que, em nossa pequena cidade, todos se conheciam, quase não se recebiam pessoas de fora, não existiam suspeitos.

Brenda baixou a cabeça, pensativa. Mariana demonstrou curiosidade.

– Filha, me conta com detalhes. Como você sabe de tudo isso, de toda essa história?

Brenda fitou os olhos ansiosos da mãe e declarou:

– Não briga comigo. Eu sei que você sempre me pedia para não ir até lá, mas um dia eu estava no casarão junto com o pessoal da escola e ela tentou fazer contato comigo. Aliás, eu sempre sentia a presença dela, da energia dela, quando íamos até lá depois da aula. De outra vez, o Alfredo, meu amigo, tentou utilizar uma tábua de perguntas e respostas e ela se aproximou dizendo seu nome, mas eu não a vi. Mas agora...

– Agora? O que aconteceu? – perguntou Mariana, com um pouco de medo.

– Como eu já disse, essa noite eu sonhei com ela, mãe. E ela é exatamente a menina que você está descrevendo.

– Espere aqui um pouquinho – disse Mariana, dirigindo-se até o guarda-roupa, de onde retirou uma fotografia que continha um grupo de jovens com uniformes escolares. Apontando o dedo sobre Maria Eduarda, perguntou interessada: – É essa a moça com quem você sonhou?

Brenda quase desmaiou quando viu a foto. Rememorou em sua mente a imagem da jovem com quem estivera conversando.

– Sim, mamãe, é essa a moça que vi no sonho, já que no casarão eu não a havia visto, apenas senti a presença dela.

Mariana fitou a filha com ternura e aconselhou:

– Filha, eu não entendo muito bem sobre esses assuntos, mas eu creio que você não deve ter medo se a Duda vier falar com você novamente. Aceite essa comunicação, que pode ser a chance desse caso que está sem solução há vinte anos ser resolvido.

– É nisso que eu também acredito, mãe, que esse caso possa ser resolvido e o assassino de Maria Eduarda pague por seus crimes.

Mariana abraçou Brenda com carinho.

– Ai, filha, estou tão orgulhosa de você, desse seu dom...

Brenda começou a tremer e a chorar baixinho, sendo amparada por sua mãe que, também tremendo, a beijava repetidas vezes.

E, enquanto retribuía o carinho maternal, Brenda pensava: Duda havia sido a melhor amiga de sua mãe e agora ela precisava também de que ela, Brenda, fosse sua amiga fiel, ajudando as autoridades a desvendar todos os fatos que envolviam o seu assassinato.

Capítulo 10

Aquela manhã de domingo seria especial. Depois de todo aquele tempo, em que haviam se iniciado os trabalhos em favor da jovem Maria Eduarda por eles, essa era a primeira vez que o grupo iria se reunir novamente no casarão abandonado, mas dessa vez com um nobre propósito.

Antes de seguirem para a casa abandonada, os jovens resolveram se encontrar na praça da matriz, para traçar algumas diretrizes.

Na noite anterior, Brenda havia comunicado a cada um deles tudo o que precisava ser feito e prometeu importantes revelações sobre o caso, informações que possivelmente levariam até o assassino de Maria Eduarda, mas, para isso, ela precisaria contar com a ajuda de todo o grupo, assim como estava contando com a ajuda de seus pais, de sua avó Hermínia e de Dona Lúcia, mãe de Laura, que estava dando suporte ao caso, junto com outros médiuns, na Casa Espírita que frequentava.

Agora que eles já conheciam um pouco mais sobre a existência dos espíritos, que sabiam que tudo aquilo era possível, realmente haviam

amadurecido, se comportando como exploradores da verdade, não como meros estudantes curiosos acerca de histórias sobrenaturais.

Alfredo foi o primeiro a chegar.

– E aí, Brenda? Tudo bem?

– Tudo bem, Alfredo – respondeu Brenda, que agora sentia-se uma verdadeira líder naquele grupo.

Alice e João Marcos também não tardaram a aparecer. Pouco depois chegou Laura, tendo sido convidada por Brenda para tomar conhecimento daquelas decisões.

Ao ver o grupo reunido, Brenda começou com tom solene:

– Como vocês sabem, durante todo esse tempo, desde que a Duda tentou se comunicar comigo no velho casarão, muitas coisas aconteceram e tenho a certeza de que tudo isso caminha para uma importante resolução, já que agora sabemos de toda a verdade.

Alfredo sorriu com confiança e falou:

– Eu sempre soube que nós iríamos descobrir coisas muito interessantes naquele lugar.

Brenda estava muito entusiasmada por poder oferecer aquela contribuição ao caso, mas foi Laura quem falou com alegria:

– Eu também tenho ótimas notícias!

– E quais são? – perguntou o grupo em uníssono.

– Segundo minha mãe e o grupo de estudos mediúnicos de nossa Casa Espírita, Duda já foi socorrida e não se encontra mais perdida nem vagando na casa abandonada.

– Que maneiro! – disse Alfredo. – Legal isso.

– As coisas estão se encaminhando muito bem, tal como nós queríamos – complementou João Marcos, também com alegria.

O grupo se abraçou, comemorando as novidades.

Foi Alice quem deu prosseguimento à conversa:

– Já que estamos felizes e já sabemos de tantas novidades, por que temos que voltar até a casa mal-assombrada?

João Marcos gracejou, brincando com os cabelos negros e sedosos da amiga:

– Casa mal-assombrada? Agora não é mais. A Duda não se encontra mais lá.

– E o homem que morreu queimado lá antes de tudo isso acontecer? Será que também recebeu ajuda? – ponderou Alfredo.

– É, nós precisamos saber notícias, Laura. Pergunte à sua mãe, lá na sua Casa Espírita – sugeriu João Marcos, também preocupado.

– Sim, realmente precisamos saber, mas ainda tem algo que precisamos desvendar nesse grande mistério – disse Brenda, dando continuidade ao assunto.

– Fala logo, Brenda. Você está me deixando nervosa – disse Alice, apertando as mãos com sofreguidão.

E Brenda começou a narrativa:

– Em uma das primeiras vezes em que estivemos no casarão, eu vi de relance, semienterrado na areia, um medalhão lindíssimo preso a um colar. A joia trazia um rosto em perfil, esculpido em relevo, e a letra M gravada em dourado. Estava presa a um cordão também dourado e parecia ser uma joia cara, tal o brilho que emanava.

– Um medalhão preso a um colar? A quem pertence? Por que você não o pegou? – perguntaram todos ao mesmo tempo, atropelando as palavras.

– Não sei, eu não tive coragem. Estava tão nervosa que a única coisa que queria era me afastar logo dali.

E, como todos ainda a observassem com interesse, Brenda continuou:

– Fiquei sabendo, através de um sonho que tive com a Maria Eduarda, que o colar com o medalhão havia sido dado de presente à tia de Maria Eduarda, uma senhora chamada Mirtes, pelo seu tio Olavo, e foi oferecida a ela de presente no dia do crime, para tentar suborná-la.

Alfredo, com jeito austero, abriu sua mochila. Consultando seu possante celular, que continha todos os arquivos, abriu uma pasta de documentos que estava pesquisando, remexeu recortes de jornais, reportagens, tudo que

remetesse ao caso.

– Esperem aí, atenção! Eu nenhum momento o nome dessa senhora, Mirtes, foi citado no caso, na época do crime. O que eu gostaria de saber é: por que ela não era conhecida aqui em nossa cidade?

Foi Brenda quem tomou a palavra novamente:

– Porque ela e o marido moravam nos Estados Unidos e vinham raramente ao Brasil.

– Vamos ver se eu entendi – continuou Alfredo. – A Duda era filha única de um casal já idoso, que a recebeu como filha tardiamente.

– Confere.

– E a mãe de Duda tinha um irmão mais jovem, chamado Olavo, que vivia nos Estados Unidos com a esposa chamada Mirtes, mas que vinha raramente até aqui visitar a irmã e a sobrinha.

– Sim, é isso.

– Bem, segundo o que a Duda contou, ela entrou no carro do próprio tio, que foi buscá-la na escola no final de tarde em que tudo aconteceu.

– Sim, é por isso que a única testemunha do caso, que era uma senhora muito idosa, contou que Duda sorriu antes de entrar no carro, revelando que ela conhecia a pessoa que parou para lhe dar carona.

– Onde está essa testemunha agora?

– Está morta. Na época já era uma senhora muito idosa. Morreu pouco depois do acontecido.

– Incrível! Novas evidências para os fatos – atalhou Alfredo, gravando a entrevista.

– E qual é o desfecho dessa história? – perguntou João Marcos, atento aos novos fatos.

– O desfecho dessa história é muito triste e emocionante. Vocês estão prontos para ouvir? – questionou Brenda, um pouco emocionada.

– Sim, estamos – disseram todos realmente interessados e também mobilizados com a história.

– Você vai nos dizer quem foi o assassino? – perguntou Alice, roendo as

unhas.

– Calma! Vamos ouvir o que a Brenda tem a nos dizer – ponderou João Marcos.

– Bem, as informações que tenho foram passadas pela própria Maria Eduarda através de algumas mensagens que foram recebidas no grupo de psicografia. Confere, Laura?

– Sim, confere – respondeu Laura. – Maria Eduarda também se comunicou em minha Casa Espírita e contou a sua história. Como Brenda também sonhou com ela e tudo se encaixa perfeitamente, resolvemos contar a vocês tudo o que se passou, com a permissão da Maria Eduarda, é claro!

Brenda começou então a narrativa:

– O tio de Maria Eduarda, que se chamava Olavo, chegou dos Estados Unidos naquele dia sem nenhum aviso prévio e foi buscá-la na escola. Quando encontrou a sobrinha, que saiu mais cedo da aula a fim de encontrá-lo, a levou até as ruínas do casarão abandonado, lugar que ele sabia que Maria Eduarda gostava de estar com os amigos, alegando ter algo muito importante para dizer a ela.

– Por que ele a levou direto para o casarão? Por que não conversaram na praça ou foram para casa? – inquiriu Alfredo.

– Porque, em uma cidade tão pequena como a nossa, se ficassem na praça, ou fossem para a casa da menina, todo mundo os veria, já que as intenções dele não eram boas.

– E aí? O que aconteceu depois? – perguntou João Marcos.

– Eu não aguento mais de tanta curiosidade – disse Alice, recostando-se no ombro de Alfredo.

Ele, por sua vez, roendo as unhas, complementou ainda:

– Eu também não. Conta logo.

E Brenda prosseguiu:

– Bem, ao chegar lá, ele confessou a Duda que estava retornando ao Brasil naquele dia porque, desde a última vez que haviam estado juntos, não conseguia parar de pensar na sobrinha, estava apaixonado por ela e não

conseguia viver sua vida em outro lugar longe da sua presença. Disse até que iria se separar da esposa, se ela assim o quisesse.

– Que loucura! O tio apaixonado pela sobrinha! Que história! – comentou Alice, muito abismada.

– E a Maria Eduarda? Qual a reação dela? – perguntou João Marcos.

– Deve ter ficado horrorizada! Imagine receber uma proposta dessa do próprio tio.

– E depois? O que aconteceu? – perguntaram todos bastante ansiosos.

– Vocês podem imaginar o que aconteceu! Maria Eduarda, tomada de pânico, de imenso pavor, rejeitou aquela declaração, disse que o tio estava ficando louco, que isso não era possível, até que o homem, tomado por intensa loucura, a agarrou agressivamente e tentou violentá-la, num gesto de total insanidade, conseguindo em parte o seu intento.

– Meu Deus! Pobre Maria Eduarda – disse Laura, entre lágrimas.

– E como foi que ela morreu? – inquiriu Alfredo, realmente curioso.

– O fato é que, depois do acontecido e por ver a sobrinha chorando desesperada ao ser vítima de tamanha brutalidade, rapidamente ele caiu em si e, ficando muito arrependido daquele gesto, se desesperou sem saber o que fazer. Num gesto transloucado, pedindo para que Maria Eduarda não o denunciasse à família e nem pudesse entregá-lo à polícia, ele a segurou fortemente, querendo que ela promettesse não contar nada a ninguém, mas, no meio de toda essa ação, imprimindo mais força do que deveria, num ato de profundo desespero, ele a asfixiou e a matou.

– Meu Deus! O próprio tio matou a sobrinha! – exclamou Alice, cobrindo o rosto com as mãos.

– Eu não entendi muito bem a história do colar – disse João Marcos.

– Ele tentou suborná-la com o colar e o medalhão que ele havia dado à esposa de presente, porque, na época, Maria Eduarda havia comentado sobre a beleza da joia, que foi oferecida à tia em uma festa de aniversário de casamento, um mês antes, na mansão dos pais da Duda.

– Que incrível! Que história! Estou toda arrepiada! – complementou

Laura.

– Daria um livro, um belo romance policial... – arrematou Alfredo.

– Puxa! Nem sei direito o que pensar, o que dizer... – concluiu João Marcos.

– Mas eu sei! – disse Brenda, com ares de detetive. – A nossa missão agora é encontrar esse medalhão e entregá-lo à polícia, para que esse homem, que deve estar vivendo ainda nos Estados Unidos, como se nada tivesse acontecido, pague por seus crimes.

– Mas como vamos encontrá-lo? Já se passou tanto tempo... – disse Alfredo, desanimado.

– Alguém já deve ter achado antes da gente – ponderou João Marcos.

– Não creio! Se a Maria Eduarda, em sonho, me pediu ajuda para encontrá-lo, é porque ele ainda está na casa mal-assombrada – disse Brenda, animada. – Quem topa ir até lá?

– Eu vou! – gritou Alfredo, pondo-se à frente do grupo.

– Eu também! – arrematou João Marcos, colocando a mochila nas costas.

– Então vamos todos nós! – disseram Laura e Alice, juntando-se ao grupo, que seguiu até a casa mal-assombrada, local já tão conhecido por eles como palco de suas intensas aventuras.

Ao chegar, resolveram se separar. Brenda ficou com Laura, Alice com Alfredo e João Marcos seguiu sozinho, agora muito mais confiante.

– Vamos procurar bem. Remexam todos os cantos. Tem que estar por aqui, em algum lugar, bem enterrado, já que a polícia não o encontrou na época do assassinato – disse Brenda, tentando dominar a emoção e as lágrimas que lhe toldavam a visão.

Brenda estava realmente emocionada. Sabia que ela não vasculharia somente a terra à procura de um colar, mas remexeria histórias, lembranças guardadas entre velhos baús, medos, desespero.

– Mãos à obra, galera! – disse Alfredo, muito animado. Sentia-se o próprio Sherlock Holmes, obsessivo na hora de decifrar um mistério, desenvolvendo seu pensamento lógico como parte das causas para compreender os efeitos.

O grupo procurou de maneira intensa em todos os locais, mas parecia que a prova tão importante estava escondida nas profundezas daquela casa, daquela história, que agora eles também partilhavam.

Depois de algum tempo, foi João Marcos quem deu o alarme, exibindo em suas mãos a joia preciosa.

– Vejam, achei o cordão e o medalhão. Agora não tem mais jeito. Esse assassino vai responder por seus crimes!

Brenda sentiu uma enorme emoção lhe tomar o peito. Havia prometido com todas as forças de seu coração ajudar naquele caso, e agora poderia cumprir a promessa que havia feito ao espírito de Maria Eduarda.

E como os jovens ainda a encaravam, aguardando uma resolução, ela disse com voz decisiva:

– Vou correndo para casa. Vou pedir aos meus pais que entreguem esse medalhão e esse colar à polícia. Vamos confiar! Em breve teremos a nossa resposta!

Capítulo 11

A pequena cidadezinha do interior estava em polvorosa. Depois de haver se passado vinte anos, um crime acontecido naquele pacato lugar voltava a ser notícia nos jornais, nas ruas, nas praças, nos bares, na mídia em geral.

Em todos os jornais e veículos de comunicação elogiava-se a destreza de jovens da escola de ensino fundamental que ficava próxima ao casarão abandonado, dos alunos do segundo ano daquela instituição que foram capazes de desvendar aquele empolgante mistério.

Os pais de Maria Eduarda, que viviam agora em Portugal, foram encontrados e comunicados do fato.

A notícia mais alarmante e que mexeu demais com todos os envolvidos no caso foi que o tio de Maria Eduarda, Olavo, que na época havia se mudado para a Alemanha, alegando imensa tristeza pelo o que havia acontecido com a sobrinha, foi encontrado morto em casa, enforcado, alguns meses depois da morte da jovem. Foi a esposa, Mirtes, quem o encontrou. Mirtes, depois de comunicar à irmã do marido sobre o fato, também se mudou sem paradeiro

definido e nunca mais se soube dela até aquele momento.

Para o grupo, e também para os moradores daquela localidade, que sempre esperaram que a justiça fosse feita, a estudante Maria Eduarda, que fora brutalmente assassinada pelo próprio tio, agora estava vingada.

O caso voltou a servir de exemplo. Mães alertavam seus filhos para que não saíssem à noite, para que não se ausentassem muito longe de casa, para que não falassem com estranhos, ignorando muitas vezes que o próprio inimigo pode estar dentro da própria casa, em lares mal estruturados, e onde não imperam o amor e o respeito que deve haver entre todas as famílias.

No Centro Espírita que Laura e sua mãe Lúcia frequentavam foi recebida uma mensagem sobre o caso, através do grupo socorrista que amparou a jovem.

Era justamente sobre isso que Laura queria falar quando reuniu os amigos em sua casa, em uma ensolarada tarde de domingo.

– Gente, obrigada por terem vindo – disse Laura. – Como vocês sabem, houve muito trabalho no campo físico para ajudar a Maria Eduarda, mas houve um trabalho espiritual muito importante também, feito através da equipe socorrista que a libertou do casarão mal-assombrado, e é justamente sobre isso que eu queria falar com vocês.

– Que maneiro! Estamos todos muito felizes com a resolução do caso – disse Alfredo, sentando-se ao lado de Alice, que se aconchegou em seu ombro.

– Eu também estou ansiosa para ouvir a palavra do mundo espiritual – complementou Brenda, que, a um sinal de João Marcos, também se sentou ao seu lado.

Dona Lúcia, a mãe de Laura, abraçou os jovens com amor e carinho e deu início à leitura de uma cópia da mensagem, recebida no grupo mediúnico da Casa Espírita que ela e a família frequentavam, mensagem que, ela sabia, traria novos e importantes esclarecimentos sobre o caso.

“Meus amados irmãos, boa noite! Que a paz do Senhor Jesus habite os vossos corações. O que nos move a divulgar essas palavras é o trabalho que foi feito junto a um espírito que por tanto tempo deu nome à casa mal-assombrada, e que se encontra agora em situação de regeneração e cuidados.

Durante todos esses anos, amigos de nossa equipe e também de outros grupos interessados no trabalho de resgate dessa jovem lutaram com dificuldade para que o esclarecimento entre todos os envolvidos se fizesse, e agora comunico com alegria que esse ser caminha para a luz, amparada pelo perdão e pela certeza da misericórdia divina.

Mediante esse fato, fica aqui um importante lembrete: que jamais, em tempo algum, haja dúvidas nos corações. Todos serão socorridos e amparados sempre, ninguém ficará à mercê do mal e do desequilíbrio. Tudo está sob a gerência de nosso Pai Maior, que tudo vê, tudo sabe, tudo permite de maneira sábia, a fim de promover o nosso crescimento.

Respondendo ao questionamento de vocês, o homem que pereceu através do fogo, em situação anterior, também não se encontra mais naquele ambiente. Já havia sido socorrido algum tempo antes e também se recupera de forma favorável, a fim de empreender novo caminho de melhora e, em breve, retornar a novas experiências na carne.

Rogamos aos amigos irmãos que continuem a nos auxiliar com suas orações e que Deus, em sua infinita misericórdia, nos permita continuar esse trabalho de resgate de corações.

A Paz do Cristo! Fiquem com Jesus.

Ferdinando, um amigo.”

Ouvindo a leitura da mensagem, os jovens se entreolharam felizes. Quanta alegria em saber que aquela história caminhava para um final feliz, depois de tanta angústia e sofrimento para ambos os lados.

Depois de um delicioso lanche servido pela mãe de Laura, os jovens se retiraram retornando para suas casas. Brenda e João Marcos moravam perto. Alice, que morava um pouquinho mais distante, voltou para casa acompanhada por Alfredo, que se comprometeu, perante Dona Lúcia, a acompanhá-la em segurança até em casa.

Despedindo-se de todos, os dois jovens seguiram pelas ruas tranquilas da cidade. Anoitecera. Uma cortina azul com uma lua magnífica e estrelas cintilantes ladeavam aquele cenário. Um cheiro bom de jasmim também se insinuava na noite, e a alegria da missão cumprida enchia de paz aqueles dois corações.

Foi Alice quem quebrou o silêncio enquanto caminhavam:

– Gosto de olhar para o céu e saber que lá de cima estão tomando conta da gente.

Alfredo também se comoveu com o comentário. Gostava de Alice, daquela menina simples e bonita que, ele sabia, não havia ainda encontrado seu lugar no mundo.

– Será que eles estão lá em cima, lá embaixo ou apenas caminham ao nosso lado? – questionou, fitando o infinito.

Alice continuou a fitar o céu.

– Não sei, mas a minha maior curiosidade é saber se minha mãe pode me ver agora.

Alfredo estacou. Gostava de Alice, admirava Alice, mas sabia muito pouco sobre ela.

– Sua mãe já partiu desse mundo? Me conta melhor sobre tudo isso.

– Sim, Alfredo. Fui adotada, minha mãe biológica morreu quando eu era bem pequena e meu pai nunca conheci – explicou a jovem ante o olhar curioso do rapaz. E continuou: – A gente se conhece há tanto tempo e você não sabia nada de mim.

Alfredo continuava a fitar a menina com doçura.

– Verdade! Estudamos juntos desde a quinta série e ainda não havíamos nos conhecido melhor. Sempre vou agradecer à essa tarde de domingo e à nossa querida amiga Brenda, que acabou, sem querer, sendo o nosso cupido.

O coração de Alice parecia querer saltar pela boca. Então Alfredo também gostava dela. *Que máximo*, pensou, em êxtase.

Alfredo, sentindo-se acolhido, continuou confiante em sua declaração:

– Eu sempre gostei de você, Alice, mas nunca tive coragem de me aproximar. Vocês meninas, às vezes, são tão estranhas, arredias, não nos oferecem muitas oportunidades de aproximação. E também acho que sou um pouco tímido...

Alice gargalhou com gosto. Alfredo fitou a jovem com ternura. Aquele sorriso de dentes perolados a fazia parecer ainda mais linda.

– Alfredo, você é tímido? Faça-me o favor!

Ele também sorriu, um pouco desconcertado.

– Acho que todos nós temos um pouco de timidez de vez em quando.

Continuaram a caminhar pelas ruas escuras, ladeadas somente por aquele magnífico luar. De repente, sem que assim tivessem planejado, suas mãos se tocaram e se entrelaçaram. Pequenos gestos, poucas palavras, só a emoção. Só a sensação de sentir o calor de mãos nervosas que se uniam e se amparavam em silêncio.

De repente, Alice estacou, lançando a Alfredo um olhar triste.

– O que foi? Por que está me olhando desse jeito? – perguntou ele, também fitando-a com interesse.

– Você não se importa de verdade com a cor da minha pele?

Alfredo mal podia acreditar no que estava ouvindo. Então era isso: Alice se menosprezava por ser uma moça da raça negra.

Ele se apressou em responder, tocando-lhe o rosto, que continha entre seus dedos, de uma pele macia e aveludada:

– Não, claro que não! Por que me importaria? Além do mais, você é linda!

Alice comentou ainda com tristeza:

– E sua família? O que achariam se eles soubessem que você gosta ou pretende namorar uma menina da raça negra?

Alfredo, diminuindo os passos, recostou-se em um tronco de árvore, puxando Alice para o seu abraço.

– Minha família, com certeza, respeitaria a minha escolha. Fui educado aprendendo a respeitar a tudo e a todos, e o fato de você ser uma jovem negra não causaria nenhum constrangimento a nenhum deles, que sempre me ensinaram o respeito devido a todos os meus semelhantes, sejam eles de qualquer raça, credo ou partidários de qualquer escolha.

Ela respirou aliviada. Seus sentimentos não a enganaram, Alfredo era realmente um rapaz encantador. Foi aí, sob a luz de um lindo luar, que seus lábios se tocaram devagarinho, a princípio com medo, para depois se entregarem a um longo e afetuoso abraço, capaz de acalmar as batidas de seus corações.

Depois do beijo, Alice falou, comovida:

– Obrigada por me aceitar do jeito que sou.

Alfredo também estava feliz por ter se declarado à Alice e por tê-la agora oficialmente como sua namorada.

– Eu é que agradeço a você por fazer minha vida ficar melhor a partir de agora.

E, fitando a jovem com imenso carinho, perguntou ainda:

– Você promete me amar para sempre, envelhecermos juntinhos e ficar comigo até a próxima encarnação?

Alice sorriu pelas colocações de Alfredo.

– Nossa! Você agora está falando como a Laura. Você se tornou espírita?

Ele retirou da mochila dois livros que mostrou a Alice.

– Ainda não, mas a Laura me emprestou esses dois livros que tenho gostado muito de ler: *O Principiante Espírita* e *O que é o Espiritismo*, ambos de Allan Kardec, o nosso cientista e pesquisador.

– Que massa – comentou Alice, folheando os livros que Alfredo lhe mostrava. – Acho que eu gostaria de lê-los também e conhecer um pouco mais dessa linda Doutrina que está nos ensinando tantas coisas legais e interessantes.

– Verdade? Se você quiser, eu falo com ela e, assim que eu acabar de ler, empresto a você. O que acha?

– Claro! Eu adoraria ler, conhecer mais um pouco sobre a vida de lá e daqui. Engraçado, antes eu não queria saber de nada, acho que nem mesmo muito em Deus eu acreditava.

Alfredo abraçou-a ainda mais uma vez e ela, tocando o braço de Alfredo, pediu com voz terna:

– Agora me leva para casa. Minha mãe vai ficar preocupada com a minha demora. Ela não é minha mãe verdadeira, mas eu aprendi a amá-la como se fosse, e tanto ela quanto meu pai adotivo cuidaram muito bem de mim até agora.

Alfredo aquiesceu, segurando as mãos da jovem com sofreguidão.

– Meus pais também são muito presentes. A gente descobre que uma família bem estruturada pode fazer toda a diferença em nossas vidas.

E os dois jovens, sorridentes e felizes, ainda de mãos dadas, seguiram noite adentro, pela estrada de seus novos sonhos.

Capítulo 12

O salão da Casa Espírita àquela hora já estava cheio. Pessoas se acomodavam entre as fileiras, e o voluntário que as conduzia para que se sentassem em seus lugares tentava manter o silêncio, a fim de contribuir com aquele ambiente de paz.

– E aí, Brenda, está gostando? – Era Laura que chegava, acompanhada de sua mãe, Lúcia, e dava as boas-vindas à menina, ainda um pouco assustada por retornar àquele ambiente onde ela estivera algum tempo atrás.

– Sim, estou sim. Obrigada pelo convite. Já estive aqui há algum tempo e recebi muita ajuda na época. Eu é que relaxei e não quis continuar. Não sabia o que estava perdendo – complementou ainda.

O melhor de tudo é que Brenda não estava sozinha. Sua mãe e seu pai Antônio também estavam presentes, além de sua avó Hermínia, que foi a primeira a incentivar a neta a cuidar de sua mediunidade, quando ainda era apenas uma criança.

Quando as luzes do salão se acenderam e a dirigente da reunião fez as

devidas apresentações e a prece da noite, Brenda se acomodou melhor na cadeira e, segurando as mãos de sua mãe e de sua avó Hermínia, que estavam sentadas ao seu lado, sentiu-se amparada e protegida como nunca antes havia se sentido.

Depois da prece, a dirigente da reunião continuou com a abertura dos trabalhos:

– Hoje nós vamos assistir à uma palestra muito educativa. O palestrante é um orador bastante atuante em nossa casa e vai nos brindar com suas explicações sobre a *Comunicabilidade dos Espíritos*.

O palestrante, um homem alto e simpático, que sempre se fazia presente naquela casa, através de seus estudos, começou suas explicações, baseadas no livro *Obras Póstumas*, de Allan Kardec, livro da codificação espírita.

Pedindo que apagassem algumas luzes e acessando os slides que trazia, o homem começou com as devidas explicações.

“As almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra constituem o mundo invisível no espaço que nos cerca. Resulta daí que, desde que há homens, há Espíritos, e que, se estes têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo feito em todos os tempos. É o que comprovam a História e as religiões de todos os povos. Ultimamente, porém, as manifestações dos Espíritos têm adquirido enorme desenvolvimento e maior autenticidade, sem dúvida, por querer a Providência curar a chaga da incredulidade e do materialismo por evidentes provas, permitindo aos que deixaram a Terra vir atestar sua existência e revelar-nos as condições felizes ou penosas em que vivem.

O mundo visível, sendo envolvido pelo invisível, com o qual vive em perpétuo contato, age incessantemente sobre ele e lhe recebe a reação. Esta reciprocidade é origem de uma multidão de fenômenos, considerados sobrenaturais se lhes ignorar as causas. A ação e reação de um sobre o outro, desses mundos, é uma das leis, uma das forças da Natureza necessária à harmonia universal, como, por exemplo, a lei da atração.

Se aquela força deixasse de agir, seria perturbada a ordem universal, como um mecanismo do qual se tirasse a rotação. Não têm, portanto, o caráter de sobrenatural, os fenômenos produzidos por semelhante força ou lei da Natureza, julgados tais por não se lhes conhecer a causa, como acontece com certos efeitos da luz, da eletricidade etc.” (*Obras Póstumas, Manifestações dos Espíritos, págs. 41 e 42*).

– Muito interessante, não é verdade? – continuou o orador para a plateia que se mantinha atenta àquelas explicações. – É pela vontade e através do pensamento que os espíritos se influenciam mutuamente, modificando o ambiente em que vivem através de sintonias diversas.

E, como as pessoas continuassem atentas, ele prosseguiu:

– Para que as pessoas possam compreender melhor o nosso assunto da noite de hoje, vamos falar que estamos situados em dois mundos paralelos: o mundo material, composto de todos nós, espíritos encarnados que aqui estamos; e o mundo espiritual, formado pelos espíritos desencarnados, que não podemos ver, mas não quer dizer que não estejam presentes.

“No mundo material contamos com cinco sentidos: a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato. Para perceber o mundo invisível, a que chamamos de mundo espiritual, Deus nos deu um adendo especial, diríamos que é um sexto sentido, que chamamos de mediunidade, e que deve ser encarada por aqueles que a possuem como um valioso presente do nosso Pai.”

– Todos nós somos médiuns? – perguntou uma jovem senhora que se fazia acompanhar de um filho pequeno, que cochilava em seu colo.

– Sim, somos todos médiuns, em maior ou menor grau. Toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência dos Espíritos é considerada um médium. Podemos dizer, portanto, que todas as pessoas são, mais ou menos, médiuns.

Brenda, semicerrando os olhos, lembrou-se que, desde criança, havia sentido os efeitos da sua mediunidade e de como foi difícil para ela conviver com tudo aquilo, quando não tinha o conhecimento devido sobre o assunto. Em um gesto de muita coragem, resolveu perguntar ao palestrante sobre seu caso particular:

– Desde criança eu tenho mediunidade e isso sempre me causou muito medo, muitos problemas, até um certo desequilíbrio. É comum a mediunidade se manifestar na infância?

– A mediunidade pode se manifestar em crianças, velhos ou pessoas adultas, mas, na infância, ainda é um assunto um pouco controverso, porque

muitos pais ficam assustados e ansiosos por não saberem como lidar com a mediunidade de seus filhos nessa fase da vida.

E, como todos o ouviam com interesse, continuou:

– O que aconselho a quem vivencia essa situação é que procure uma Casa Espírita, onde trabalhadores com um pouco mais de experiência possam orientar quanto aos melhores métodos para se lidar com esse fato. O ideal seria nunca assustar as crianças, chamando-as de “loucas”, ou desacreditar de seus relatos, porque, caso isso ocorra, além de atrapalhar o desenvolvimento espiritual da criança, tudo isso pode trazer muitos traumas que se multiplicarão em problemas por toda a vida adulta desse médium.

– Qual o verdadeiro sentido da mediunidade? – perguntou Mariana, mãe de Brenda, lembrando-se do quanto haviam sofrido quando não sabiam lidar com a filha e com aquele dom que ela apresentava, julgando muitas vezes que aquele dom seria a sua perdição ou desgraça.

Brenda também se emocionou, apertando as mãos de sua mãe nas suas. No colégio, havia recebido a alcunha de “a louca” por todo o tempo em que estivera sem conhecer melhor as questões que envolviam a sua mediunidade. Só ela sabia o quanto tudo isso havia afetado sua vida de adolescente e sua autoestima.

E o palestrante respondeu, finalizando a conversa:

– Vejam o exemplo de nosso querido Chico Xavier, que psicografou mais de 400 livros através de sua mediunidade de psicografia, do médium baiano Divaldo Pereira Franco, que tem divulgado a Doutrina espírita através de mensagens psicofônicas que têm ajudado a tantas pessoas, e de tantos outros médiuns que realizam sua seara de amor através do anonimato. A mediunidade, usada de forma correta, é um valioso presente do Pai aos seus filhos, e aquele que a possui tem como tarefa utilizá-la para seu automelhoramento e para o benefício de todas as pessoas à sua volta, de toda a sociedade, consolando-as e amparando-as ao longo de sua existência aqui na terra.

Capítulo 13

Brenda entrou na cozinha a fim de tomar seu café da manhã. Naquele dia, havia acordado um pouco mais cedo do que o habitual, porque havia combinado com a turma de amigos um passeio ao planetário da cidade.

Brenda agora sentia-se diferente, podia-se dizer que era outra pessoa. Estava mais solta, mais alegre e, através de algumas consultas com um psicólogo, que pôde orientá-la melhor em tantas outras questões independentes daquelas ligadas à mediunidade, estava desenvolvendo uma boa dose de autoestima depois de haver conseguido resolver o caso da jovem Maria Eduarda.

Sua aparência também estava diferente. Havia retirado o aparelho dos dentes e, no lugar dos óculos grossos, havia colocado uma lente de contato, presente que sua avó Hermínia insistira em lhe dar.

Mariana sorriu ao ver a filha tão alegre e disposta.

– Como você está linda, minha filha! Que você tenha um ótimo dia – disse Mariana, beijando-a com carinho.

Brenda, que ainda ficava tímida ante os elogios e o contato físico, sorriu, a fim de mostrar à mãe o quanto estava melhorando.

– Obrigada, mamãe. São seus olhos – brincou a jovem, servindo-se de uma xícara de café e de um pouco de leite.

– Vocês irão ao Planetário? – indagou ainda Mariana, realmente interessada.

– Sim, vamos, mas o ônibus vai sair da porta da escola, porque alguns professores irão com a gente.

Mariana fitou a filha com doçura. Depois de tantas preocupações, a sua menina parecia estar despertando, emergindo para a vida. Sua alegria era imensa em reconhecer aquela grande mudança.

Ficaram frente a frente, comendo em silêncio. Mariana resolveu continuar a “quebrar o gelo”:

– Por falar nisso, filha, como você está indo na escola? Suas notas estão boas. Sente-se melhor?

Brenda observou a mãe com carinho e seus lindos olhos azuis também sorriram.

– Está tudo bem, mamãe. O apoio do Alfredo, do João Marcos e a amizade da Alice têm me feito muito bem. Além disso, o resto da turma não me chama mais de “a louca”, porque agora eles sabem que a mediunidade é uma faculdade importante de ajuda ao próximo.

– Fico muito feliz por você, minha filha, muito feliz. Agora, depois que se passou um ano da resolução do caso da Maria Eduarda, vejo que as coisas estão se encaminhando de forma favorável. Deus ouviu as minhas preces.

– Sim, mãe, com certeza. Saber que a Duda está bem, não fica mais vagando pelo casarão abandonado, é uma imensa alegria não só para mim, mas para todos nós, os envolvidos nesse caso.

Mariana sorriu com doçura, abraçando a filha.

– Graças à sua mediunidade esse caso pôde ser resolvido. Antes, tanto você quanto todos nós achávamos que a mediunidade era um fardo, mas, graças a Deus e ao estudo da Doutrina Espírita, descobrimos que ela é um

dom abençoado de ajuda e de amor ao próximo.

Brenda se emocionou com o comentário da mãe. Disfarçadamente enxugou uma lágrima que nascia em seus olhos e complementou:

– Eu também agradeço muito a Deus por ter me mostrado um caminho, mãe. Saber por que eu tenho esse dom me deu um novo alento e mais coragem para ajudar a quem precisa. Prometo que vou me preparar e me aprimorar cada vez mais, e tenho certeza de que ainda poderei ajudar a muita gente.

Mariana também sorriu. Sua filha estava amadurecendo e isso era para ser comemorado.

Brenda, conferindo se não havia esquecido nada na mochila cor de rosa, que acomodou nas costas, se despediu da mãe e saiu correndo até a escola.

A manhã de sábado estava realmente esplêndida. Eles haviam combinado de se encontrar na porta da escola, porque alguns professores também iriam acompanhá-los ao passeio, que seria computado como uma atividade extraclasse.

Quando Brenda chegou ao local, Alice correu ao seu encontro.

– Oi, Brenda, tudo bem? Quase nem dormi, estou ansiosa com tudo isso.

– Tudo bem, Alice. Também estou muito animada com o passeio. Depois precisamos fazer um relatório, confere?

– Sim, confere. Foi bom que o tempo ficou lindo! Se chovesse iria estragar tudo...

Alice a toda hora procurava Alfredo com os olhos, a fim de detectar imediatamente a sua chegada, mas foi João Marcos quem se aproximou das duas jovens com sorriso jovial.

– Oi, Brenda. Pensei que você não viesse. Uau! Como você está linda!

Brenda corou. Linda, ela? Receber um elogio de João Marcos era o máximo que o seu coração adolescente poderia suportar. Interiormente Brenda exultou de alegria, mas baixou os olhos ao fitar o rapaz.

– Obrigada, João Marcos – respondeu ela, tímida, enquanto se afastavam até um banco de pedra que ladeava o pátio da escola.

João Marcos retomou a conversa. Não sabia direito por onde começar.

– E aí, como você está? Fiquei sabendo que agora faz parte do grupo mediúnico na Casa Espírita que Laura frequenta. O que tem achado?

Brenda também se esforçava para manter a conversa sem tremer ou gaguejar. João Marcos, o grande amor de sua vida, dissera que ela estava linda e esse era o melhor presente que ela poderia receber naquele dia.

– Muito bom, de verdade. Estou estudando e conhecendo um pouco mais a fim de servir a meu próximo através desse dom precioso que é a mediunidade. Também fiz novos amigos, e lá ninguém zomba de mim, porque sabem e estudam esse assunto, além de muitos outros que compõem a grade dos esclarecimentos espíritas.

João Marcos mostrou-se nervoso ao falar:

– Brenda, eu queria me desculpar com você, por às vezes brincar com um assunto tão sério. Eu...

Brenda fez com que ele se sentisse mais à vontade quando respondeu:

– Você não tem nada pelo que se desculpar. Na verdade, você sempre me defendeu daqueles garotos que insistiam em me zoar, me xingar.

Se João Marcos soubesse o quanto ela o amava!, pensou, comovida. Sentiu que seu rosto estava ficando vermelho como um tomate. Será que ele a acharia ridícula?

Ele sorriu aliviado e, enquanto ensaiavam como continuar a conversa, a inspetora Sandra veio dar um aviso:

– Pessoal, atenção, infelizmente aconteceu um problema...

– Oh – falaram os jovens exaltados, entre gritos e assovios.

– Silêncio, galera. Por favor, colaborem. A lona do freio de um dos ônibus se partiu e teremos um atraso de meia hora, quarenta minutos. Fiquem calmos, comportem-se, que em breve seguiremos para o nosso destino – complementou ainda a senhora, retirando-se.

Alguns jovens se dispersaram fazendo um pequeno alvoroço, mas João Marcos, chamando Brenda a um canto, fez o convite:

– Brenda, eu tive uma ideia! Enquanto esperamos, por que não vamos até

o casarão abandonado?

O coração de Brenda pareceu querer saltar pela boca quando perguntou, lutando para não gaguejar:

– O casarão? Por que iríamos até lá?

João Marcos baixou os olhos um pouco envergonhado.

– Porque eu queria te falar uma coisa muito importante e acho que lá é o melhor lugar para a gente conversar.

Brenda ficou hesitante. O que de tão importante ele queria falar com ela? Ficou na dúvida se deveria ir sozinha ao casarão abandonado acompanhada dele, mas resolveu dar uma chance ao seu coração e aceitar o pedido.

Discretamente, a fim de não serem vistos, seguiram até a casa que ficava no fim da rua do colégio, tendo o cuidado de evitar qualquer outro aluno que pudesse interromper aquele momento mágico. Agora Brenda já não tinha mais medo. Segundo haviam sido informados, Maria Eduarda já fora recolhida e o morador anterior, o artista plástico que havia morrido queimado lá, também, o que a deixava muito mais à vontade para entrar naquele local que fora, para ela, Brenda, o início de tudo, de todo aquele processo de transformação que estava vivendo agora.

Brenda sentou-se em um muro esverdeado e desgastado pelo tempo, com seu jeans desbotado. João Marcos acercou-se dela e não parava de fitar a jovem com um olhar diferenciado.

Para ambos os jovens, aquele ambiente era visto agora de uma maneira diferente. Não mais um local de histórias fantásticas, mas uma nova oportunidade de ficarem sozinhos.

Foi Brenda quem quebrou o silêncio, apertando as mãos tímidas com sofreguidão.

– Engraçado...

– O que é engraçado? – indagou João Marcos, sem deixar de fitá-la.

– Voltar aqui em uma situação totalmente diferente. Lembro de quanto medo eu sentia quando vocês me traziam aqui, só para que eu pudesse conversar com os espíritos.

João Marcos corou. Agora que estava mais crescido e amadurecera um pouco, refletiu no quanto fora insensível ao praticar um certo tipo de bullying com a menina que ficava simplesmente apavorada quando o assunto era o mundo dos espíritos. Por isso falou com voz pausada:

– Brenda, novamente queria muito te pedir desculpas. Jamais tive a intenção de te ferir ou deixar você desconfortável. Eram só bobagens de um garoto tolo. Aquela coisa de fantasmas, de tentar assustar você, foram mesmo atitudes muito tolas, só agora eu compreendo. Eu não sabia das consequências que tudo isso poderia acarretar em você, no seu psiquismo, eu...

Brenda se apressou em responder, tentando deixá-lo mais à vontade:

– Nenhum de nós sabia. Fique tranquilo, eu já esqueci.

– Sabe, Brenda, tenho pensado muito sobre tudo o que nos aconteceu ao tentar resolver o caso da Duda e decidi que vou me inscrever para frequentar as aulas da Mocidade Espírita que a Laurinha frequenta. Ainda preciso aprender muitas coisas sobre o mundo dos espíritos e sobre como me tornar uma pessoa melhor, mas creio que eu vá conseguir. Afinal, conhecimento nunca é demais, não é verdade?

– Sim, eu concordo – disse Brenda, exultante de alegria. João Marcos, o seu João Marcos, pensando em estudar, tornar-se uma pessoa melhor. Disfarçou para que ele não notasse sua alegria, mas o jovem havia decidido que aquele dia seria o dia da grande revelação.

Foi Brenda que mais uma vez quebrou o silêncio:

– Mas o que você queria me dizer de tão importante?

– Bem, nem sei por onde começar.

– Então comece pelo começo – Brenda conseguiu brincar.

O rapaz, tomando coragem, resolveu abrir seu coração:

– Fico muito feliz em ver você mais alegre, mais solta. Você sempre viveu dentro de uma casca, se escondendo como um caracol, cortando todas as possibilidades de aproximação. Eu sempre gostei de você, você é que não percebia, nunca me dava uma chance.

Então era isso, pensou Brenda, extremamente emocionada com aquela declaração. Mergulhada em si mesma, se achando feia e sem graça, jamais poderia imaginar que João Marcos também gostasse dela. A declaração saiu de repente:

– Eu estou frequentando uma psicóloga!

– Que máximo – respondeu o rapaz, sentindo-se mais calmo e fitando a jovem com intensidade. – Isso é muito bom. E o que ela te disse?

– Que, se eu não aprender a me amar, ninguém vai gostar de mim!

João Marcos sorriu um sorriso lindo e Brenda teve a impressão de estar visualizando o brilho de mil estrelas no céu. E como ainda se sentisse ouvido, continuou:

– Brenda, eu queria te fazer um pedido.

– Você quer o quê?

– Você quer namorar comigo?

Brenda sentiu suas pernas tremerem, assim como seu corpo, da cabeça aos pés. Incrível sensação. Assustada, deixou que o jovem a abraçasse e a tomasse em seus braços a fim de beijá-la. Quando os sinos repicaram e um clima romântico se insinuava entre os dois, Alice invadiu o ambiente, surpresa por encontrá-los ali.

– Que bom que achei vocês. O ônibus já vai sair. A professora Marta pediu para reunir todo mundo. Precisamos correr...

– Sim, vamos, vamos correndo – disse Brenda, de mãos dadas com João Marcos, sentindo-se naquele instante a jovem mais feliz do mundo.



Do outro lado da vida, Maria Eduarda e Samir, um dos jovens que havia feito parte da equipe socorrista que a havia retirado daquele local, conversavam.

– Por que você quis voltar aqui, Duda? A esse lugar que tantas recordações ruins traz a você?

Maria Eduarda sorriu. Seus olhos já não tinham medo. Suas palavras eram firmes e sua fé no futuro era inabalável.

– Porque eu queria dizer a você que estou me curando das minhas dores. Durante tantos anos foi aqui que, envolvida em minha solidão, eu rememorei todo o meu intenso sofrimento e desejei ardentemente a minha cura.

– Que bom. Fico feliz que assim seja – disse o jovem com alegria. – E que lição você retirou desse tempo passado aqui? – perguntou ainda.

Maria Eduarda olhou o ambiente à sua volta. Durante tanto tempo seu coração clamou por ajuda, por perdão, por uma nova oportunidade. Aquele ambiente, que fora o seu cárcere interior, a prisão que ela mesma havia se imposto, agora era o lugar da sua redenção.

Foi com voz sentida, mas firme, que respondeu ao jovem:

– A lição de que nenhum mal é duradouro, de que sempre estaremos amparados pelo amor infinito de Deus. Porque alguém me viu aqui, eu pude ser reerguida e socorrida, Samir. Se não houvesse esse feliz intercâmbio entre os dois mundos, nada disso teria acontecido.

– Verdade, Maria Eduarda. Abençoada mediunidade que nos redime e eleva. Agradecemos a Deus e ao Mestre Jesus por tamanha oportunidade.

Capítulo 14

Maria Eduarda abriu os olhos com vagar. Desde que se reconheceu naquela colônia e recebera a ajuda de que tanto necessitava, sua vida havia se modificado. Já não tinha tanto medo, sentindo-se mais tranquila em relação a todos os acontecimentos e já conseguindo enviar a seus pais os melhores pensamentos de luz e paz, a fim de tranquilizá-los um pouco mais em sua perda.

A convite de Lúcia, mãe de Laura, eles estiveram em uma reunião no Centro Espírita onde ela estava sendo cuidada e orientada. Sua alegria foi imensa ao revê-los e ao saber que a dor deles estava amenizada pela certeza da comunicabilidade entre os dois mundos.

Quanto a tudo que lhe acontecera, Maria Eduarda já conseguia pensar em seu tio e perdoá-lo. Ainda não lhe fora permitido vê-lo, porque os suicidas precisavam de um tempo maior para se recuperarem, mas, em breve, assim que ele tivesse condições, ela receberia permissão para visitá-lo e estar frente a frente com ele, oficializando de vez o perdão que precisava haver entre

ambos.

A jovem observou à sua volta. Pela janela do quarto que por ora habitava, um jasmineiro se insinuava florido, trazendo doce e suave perfume, que a fez sentir-se encantada e protegida, mas também lhe trouxe muitas lembranças de sua infância e da família que tão bem a recebera em seus braços. Nesse momento, uma intensa saudade dos seus pais, de sua família e amigos se insinuou em seu peito, mas, reconhecendo que tudo estava certo perante as leis divinas, agradeceu mentalmente por estar ali, segura e socorrida, longe de toda a perturbação de que fora vítima durante tanto tempo.

Colocando-se de pé frente à janela, inspirou e expirou com vagar, tal como havia sido ensinada por seus instrutores, deixando que aquele ar puro e poderoso, inundado de vibrações salutares, tomasse conta de todo o seu ser, de todos os seus pensamentos e existência. Por tanto tempo estivera perdida, abandonada, vagando e erroneamente jugando-se desamparada, que custou a reconhecer que Deus e os seus amigos espirituais sempre estiveram presentes. Ela é que, em meio à sua dor e teimosia, não conseguia vê-los nem aceitar tal fato. Iria estudar, servir, ser útil e tinha a certeza de que, muito em breve, estaria totalmente recuperada, a fim de buscar novas experiências em um novo corpo de carne.

Foi Jonas, um novo amigo que havia angariado naquele lugar e que se desdobrava em cuidados com ela, sua protegida, que, pedindo licença ao entrar no quarto, caminhou ao seu encontro.

– Então, Maria Eduarda, pensando na vida?

– É, pensando que a morte não existe e que nunca estivemos mais vivos do que nunca.

Os dois sorriram com alegria.

– Você tem razão, com certeza. Nunca estivemos tão vivos quanto agora!

E, como Maria Eduarda o observasse atenta, continuou:

– Estive pensando que já está na hora de você saber um pouco mais sobre tudo o que lhe aconteceu. Acha que está pronta?

– Sim, eu quero muito conhecer um pouco mais da minha história. Por que

fui retirada da convivência de meus pais, tão jovem; por que Jairo, o grande amor de minha vida, com o qual pretendia realizar uma vida de muitas alegrias e ventura, me foi também tirado; a decepção com meu tio, enfim...

Jonas animou-se com a confirmação positiva e fez um convite à amiga:

– Então sente-se, Maria Eduarda, e reveja comigo a sua história. Só aí você entenderá todos os porquês que nortearam a sua vida e poderá seguir seu caminho em paz, com a certeza de que tudo está certo perante as Leis Divinas.

E, ligando com um gesto sutil um pequeno aparelho que se assemelhava a um aparelho de TV aqui na terra, deixou que um filme interessante se mostrasse aos olhos de ambos, percebendo a emoção que dominava o ambiente, conforme as cenas se desenrolavam aos olhos atentos da jovem.

Estamos na Rússia. O ano é 1540. Maria Eduarda, agora Lavínia, conversava alegremente em um salão ricamente adornado, perante os olhos atentos de todos os convidados e também de seu pai, o comandante Ivan Fedorov, que era o chefe da guarda real. De súbito, um jovem alto e elegante, trajando imponente farda da cavalaria oficial, se aproximou e, tomando-lhe as mãos num gesto estouvado, as beijou com ardor apaixonado, sem se importar por estar sendo observado pelos demais presentes.

– Querida Lavínia, que honra poder beijar-lhe as mãos sedosas e perfumadas.

– Pena que eu não possa dizer o mesmo – retrucou a jovem, retirando a mão num gesto brusco e deixando o jovem apalermado diante de todos.

O oficial, corando ante a resposta e a atitude brusca de Lavínia, fitou os belos olhos da jovem.

– Por que me despreza?

Tomada de impulsividade, a jovem Lavínia respondeu incisiva:

– Não o desprezo, Conde Igor, apenas não tenho interesse em desposá-lo, porque meu coração já pertence a outra pessoa.

O conde, homem alto e imponente e que aparentava estar por volta dos trinta e cinco anos de idade, ante aquela resposta, cofiou a barba ruiva e bem

tratada, tornando a dizer com imposição:

– Seu pai já sabe de sua decisão ou terei que comunicar a ele o que estou ouvindo de seus lindos e maravilhosos lábios?

Lavínia estacou. Suas pernas tremeram e leve embaraço lhe toldou a visão. Sentiu-se ameaçada e desprotegida. Sabia que o Conde era um homem poderoso e que sua vida, a partir daquele momento, estava em suas mãos. Por isso, implorou com voz suplicante:

– Não, por favor. Não conte ao meu pai. Ele me obrigaria a casar com o senhor e eu não sei se suportaria tal acerto.

E deixando que lágrimas copiosas lhe tomassem os lindos olhos de tom esverdeado, falou, tentando demovê-lo de tal atitude (agora não era mais a jovem orgulhosa, mas a mulher frágil que pedia):

– Veja as minhas lágrimas. O senhor não se comove com meu sofrimento?

De caráter sórdido e sorrindo interiormente diante daquela situação, o Conde Igor se manteve insensível ao pedido da bela jovem:

– Querida Lavínia, suas lágrimas não me comovem e, além do mais, você é minha, me foi prometida. Hoje, durante o baile, vou combinar com seu pai todos os detalhes para que o nosso casamento seja realizado o mais rápido possível.

Lavínia, num gesto estouvado, lhe esmurrou o peito fardado com suas mãos delicadas, sentindo impotente perante toda aquela situação.

O Conde Igor se mantinha impassível. Sorriso cínico lhe tomou os lábios.

– Acalme-se. As pessoas estão começando a notar essa cena desagradável. Fique tranquila. Prometo fazê-la a mulher mais feliz de toda a Rússia.

Lavínia, ainda entre lágrimas, deixou o salão movida por pensamentos menos felizes. Não poderia se casar com o Conde. Apesar de seu pretendente ser um belo homem, culto e dotado de grande fortuna, Lavínia não gostava dele e havia ficado extremamente perturbada quando soube do acerto que havia entre ele e seu pai para que se casassem, simplesmente por interesses de cunho comercial. A jovem tinha todos os motivos para se comportar assim. Seu coração pertencia ao jovem Aleksei Bazanov, que, mesmo não

sendo um nobre, era um fidalgo que havia cativado seu coração adolescente quando se reunia ao grupo de caça do qual seu pai Ivan fazia parte.

Alguns dias se passaram e o conde se mostrava irreduzível quanto àquela situação. Seu pai, sabendo do ocorrido, resolveu apressar o casamento, tentando firmar o acordo que havia entre eles. Lavínia, totalmente desesperada e vendo que muito pouco teria a fazer contra aquela decisão, ajudada por criada de sua inteira confiança, adentrou o palácio do conde nas sombras da noite, vestindo pesada capa negra e sobretudo da mesma cor. Conseguindo acesso aos seus aposentos, colocou pesado líquido esbranquiçado na água que descansava em uma moringa sobre o criado-mudo, saindo sem ser vista e ganhando a noite a passos rápidos.

– Meu Deus! Fiz com que ele morresse quando bebeu o pequeno cálice com substância venenosa que o retirou da vida, causando-lhe intenso sofrimento – comentou Maria Eduarda.

Jonas apenas ouviu o comentário e continuou com a exposição.

– Agora estamos na Dinamarca. A jovem e rica Lavínia, depois de padecer em uma vida de arrependimentos e insanidade, fugindo de casa com seu amante e sendo deserddada por sua família, reencarna como um jovem camponês de nome Frederick, com o intuito de sanar seu orgulho e recuperar suas faltas, mas não foi bem assim que aconteceu. Reencontrando seu tio Pietre, seu tio Olavo de agora, que nessa vida é uma mulher e se chama Janina, você se insinuou na vida dela, assediando a jovem de forma sensual e também a sua família, fazendo com que a sua mulher Rowena, que é Regina, sua mãe de agora, e grávida do primeiro filho de vocês, retirasse a própria vida, por descobrir a traição a que estava sendo submetida.

Maria Eduarda, com lágrimas nos olhos, sentia-se transtornada.

– Meu Deus! Como eu fui má! Como eu me arrependo por todas essas atitudes insanas. Sempre pensei que fosse eu a vítima!

– Acalme-se, Maria Eduarda, acalme-se. Como você pôde observar, você destruiu famílias, ceifou vidas, usou de atitudes sensuais desregradamente, separou também pessoas que se amavam e que ansiavam ficar juntas. Não

somos só as vítimas, Maria Eduarda. Somos algozes também.

Maria Eduarda deixou que lágrimas de desespero lavassem não só o seu rosto, mas a sua alma. Aquelas declarações retiraram o véu de toda a incompreensão. Tudo estava certo perante as Leis Divinas.

– Por isso não tive ainda a oportunidade de viver feliz junto à minha família, pessoas que agora tanto amo. Por isso fui traída por meu tio em desrespeito aos meus sentimentos mais nobres. Ah, meus queridos, peço que me perdoem, por favor! Estou tão envergonhada!

– Sua mãe Regina, que concordou em recebê-la e perdoá-la, a concebeu muito tarde porque relutava em perdê-la. Inconscientemente, ela sabia que o tempo de vocês aqui na terra seria curto e o quanto seria dolorosa a separação de vocês, assim como foi ao longo das encarnações sucessivas.

– Meu Deus! Por que tanto tempo vaguei sem entender nada disso?

– Você precisava saber mais sobre a lei do retorno, compreender que Deus não está nos punindo, está apenas deixando que possamos refazer as nossas escolhas. Encarnamos como homens, mulheres, filhos e pais, a fim de aprender a valorizar os conhecimentos aprendidos junto àquele grupo, para que possamos usá-los mais tarde, junto a todos aqueles com quem iremos conviver ao longo do tempo, no ciclo das encarnações sucessivas.

– Como eu agradeço a vocês que me resgataram de mim mesma, das minhas dores, como agradeço a Brenda por sua ajuda!

– Brenda é uma jovem muito especial. Foi sua amiga querida em uma vida anterior a essa e foi um importante instrumento de ajuda em sua recuperação. Reencarnou para servir a Deus e a Jesus através do exercício de sua mediunidade e terá um lindo caminho pela frente, se se render ao chamado Divino e procurar realizar e ofertar o seu melhor.

Dando a entrevista por finalizada, Maria Eduarda falou, realmente emocionada, segurando as mãos do amigo Jonas:

– Obrigada, Meu Deus, pelas oportunidades que me tem sido dadas, e abençoe a nossa querida Brenda, no exercício de sua mediunidade, com Jesus!

Capítulo 15

Era o mês de dezembro. Naquela linda noite de verão, a residência da família Galhardo estava em festa. Brenda, extremamente feliz, recebia os convidados, fazendo as honras da casa. Era o seu aniversário de dezoito anos e ela, que antes não gostava de festas, havia permitido que seus pais comemorassem aquela data tão importante, fazendo uma linda festa que fora planejada com muita antecedência para seus amigos e familiares.

Brenda preparava-se agora para ingressar na faculdade e cursar Psicologia. Seu objetivo era poder ajudar a mais pessoas, como ela um dia fora ajudada, em suas necessidades de cunho psicológico. Graças ao seu tratamento com uma psicóloga para vencer alguns de seus traumas e a sua timidez excessiva, havia conseguido sentir-se mais forte e decidida para se dedicar ao exercício de sua mediunidade, estudando as verdades espíritas. Brenda reconhecia-se outra pessoa, mais dinâmica, mais forte e pronta para realizar a missão com a qual fora agraciada.

– Como está linda a minha garotinha – disse seu pai Antônio, convidando-

a para que valsassem no salão.

Brenda corou ao receber o convite.

– Obrigada, papai, mas eu não sei dançar muito bem e, além do mais, mesmo estando muito melhor com a terapia, ainda sou uma moça tímida.

– Tímida? Uma moça linda como você? Pois então deixe a timidez de lado e venha aproveitar a sua festa.

Brenda era obrigada a reconhecer que o elogio de seu pai era mesmo verdadeiro. Reconhecia-se agora uma linda mulher. Havia crescido, estava alta e muito parecida com sua mãe. Seus olhos azuis brilhavam como faróis na noite e seu lindo sorriso encantava a todos. Seu cabelo preso em cachos formava lindos cachos ruivos que lhe caíam sobre as costas. Trajava também um lindo vestido branco, com adornos brilhantes e que havia sido confeccionado especialmente para aquela ocasião.

A um canto da festa, João Marcos observava Brenda. Como ela havia mudado, estava diferente em todos os sentidos. Já não era mais a menina tímida e inibida que baixava os olhos o tempo todo quando alguém se dirigia a ela. Uma dose de autoconfiança em seus atos, em seus gestos, norteava suas ações, e João Marcos, a cada dia, se encantava pela bela jovem que era agora oficialmente a sua namorada.

Ao terminar a dança com seu pai, Brenda caminhou ao encontro de João Marcos, abraçando-o com carinho.

– No que esse rapaz bonito está pensando?

Ele, que contava agora dezenove anos de idade e já cursava o segundo período de uma faculdade de Medicina, aspirando tornar-se médico psiquiatra, respondeu, sorrindo:

– No dia em que eu disse a você lá no casarão abandonado: “Brenda, você quer ser a minha namorada?”

– E o que foi que eu respondi? – disse a jovem, brincando distraidamente com a gravata borboleta azul que lhe enfeitava o terno branco.

– Você disse sim, e tenho que confessar que esse foi o dia mais feliz da minha vida!

Brenda sorriu um sorriso lindo e, fitando João Marcos apaixonadamente, respondeu com doçura:

– Eu nunca pensei que esse dia iria chegar, que pudéssemos estar juntos, que você pudesse ser verdadeiramente o meu namorado. Eu estou vivenciando um sonho...

João Marcos também amava Brenda e encantava-se com a personalidade envolvente da jovem, que aprendia a conhecer melhor a cada dia.

– Na verdade, eu sempre gostei de você, mas você é que nunca me notou...

Brenda baixou os olhos envergonhada. Tantas coisas haviam acontecido até que eles pudessem expressar amor um pelo outro.

– É que eu sempre pensei...

– Pensou errado – afirmou o rapaz. – É claro que não posso negar que você está muito mais bonita agora, mas eu já gostava de você quando usava aparelho nos dentes e aqueles óculos de fundo grosso que mal nos deixava ver esses lindos olhos azuis.

Brenda admirou o caráter de seu namorado, que sempre demonstrou a ela a fidelidade de um amigo. Ele a defendia, estava sempre ao seu lado. Ela é que, por causa de sua baixa estima, não conseguia enxergar aquelas ações amorosas.

João Marcos continuou a fitar a jovem com ternura. Estava mesmo muito orgulhoso de Brenda, que exercia agora seu trabalho mediúnico na mesma Casa Espírita que Laurinha frequentava, onde ele também fazia parte do grupo de estudos, pretendendo, assim que se formasse, oferecer algumas horas de seu trabalho de médico às pessoas mais carentes.

Segurando fortemente as mãos da namorada, o rapaz disse ainda:

– Aproveitando a oportunidade da data, quero fazer um outro convite a essa jovem encantadora que está à minha frente.

E, ante o olhar espantado de Brenda, retirou do bolso do colete um pequeno embrulho prateado, que continha um lindo par de alianças.

– Você aceita se casar comigo, me fazer feliz e me dar muitos filhos lindos,

assim como você?

Brenda estacou, comovida. Sem palavras, ficou olhando para João Marcos sem conseguir dizer nada, apenas chorando baixinho de tanta felicidade.

Assim que conseguiu se recuperar do choque, se aconchegou nos braços dele e agradeceu a Deus por mais aquele presente, observando os convidados que aproveitavam a festa alegremente.

Do outro lado da vida, Maria Eduarda e Jonas conversavam.

– Eles se casarão, terão filhos e vão ajudar mutuamente um ao outro – disse Jonas, referindo-se ao casal de noivos que se formava naquele momento.

– Missão cumprida então? – indagou Maria Eduarda, feliz por aquele desfecho.

– Não exatamente, porque existe um novo aprendizado a cada dia, mas creio que os dois terão o apoio constante das novas verdades que abraçaram, que são o estudo e a prática da Doutrina Espírita, e serão fortes para vencer todos os embates que porventura se apresentarem. Nenhum relacionamento é um conto de fadas, mesmo que haja todo esse amor envolvido. Tudo é aprendizado, sempre!

– E quanto a mim?

– Quanto a você? O que quer dizer, Maria Eduarda? Confesso que não entendi muito bem a sua pergunta.

– Talvez eu possa ser a filha querida, a neta de Mariana, e possa recompensar a essa família toda a ajuda que deles recebi. Sinto tantas saudades dela, de sua amizade, de seu amor e companheirismo.

– Você gostaria que assim fosse, Maria Eduarda? – perguntou o irmão Alceu, que se aproximou dos dois, trazendo luz ao ambiente com sua aura iluminada.

Duda estremeceu diante daquela presença austera e iluminada, mas foi firme ao responder:

– Sim, meu irmão e ajudador, creio que sim. Gostaria de retribuir toda a ajuda que recebi de Brenda e de sua família em prol da minha recuperação.

Fiquei sabendo que já estive ligada a esse grupo em uma outra oportunidade e gostaria de me unir a eles, para uma nova experiência na terra.

Irmão Alceu sorriu um sorriso bondoso e, retirando-se do ambiente, apoiado em seu bastão, disse ainda:

– Muito bem. Se esse é o seu desejo, vamos rogar aos nossos superiores que você possa obter uma permissão para reencarnar junto dessas pessoas queridas. Em breve, volto com a resposta, e vou torcer para que você obtenha essa permissão, que creio que será muito benéfica para todo o grupo.

Maria Eduarda exultou de felicidade e, retirando-se do ambiente, acompanhada do amigo Jonas, lançou a Brenda um olhar enternecido, capaz de resumir toda a gratidão que ela conseguia sentir naquele momento.

– Querida Brenda, porque você me viu ali naquele casarão, quando eu era somente um ser angustiado e à procura de ajuda, tudo mudou. Receba o meu muito obrigado! Seja uma excelente médium e siga o seu caminho em paz! Em breve, se Deus assim o permitir, estarei de volta e prometo recompensar a você por toda a alegria que me fez sentir e pela minha intensa e progressiva recuperação. Até breve. Com amor, Duda.





Esta edição eletrônica foi diagramada na Editora EME
(19) 3491-7000, Capivari-SP. O texto foi composto em
Book Antiqua e os títulos em Trajan.

Julho 2020